

ILUSTRAÇÃO



UMA DAMA DO TEMPO DA IMPERATRIZ MARIA LUIZA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um interessante livro para as crianças

A 2.ª EDIÇÃO
muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês

Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

SALÕES DE ESTETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTIFICOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
A. DA LIBERDADE 35 TELEF. 21866



A dor envelhece

A dor corrói a nossa saúde. Tira-nos a alegria de viver e, - pior ainda -, faz-nos parecer mais velhos. Ora quem deseja aparentar uma idade superior à sua? Ninguém; nem tam pouco há necessidade disso. A ciência moderna livra-nos, quasi que instantâneamente, das dores nevralgicas, de cabeça ou de dentes. Um ou dois comprimidos de **CAFIASPIRINA** operam milagres; restituem-nos o bem-estar e as energias para emprender com êxito novas tarefas.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Revelação do Segredo da Influência Pessoal

Método simples para desenvolvimento do magnetismo, da memória e da força de vontade. Um livro de 80 páginas descrevendo detalhadamente este método único, um diagrama de auto-análise assim como um estudo do carácter, são enviados gratuitamente a quem escrever imediatamente.

«A maravilhosa força da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Domínio do Espírito, denominem-na como quiserem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida», diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinários referentes às práticas dos Yogis da Índia, e expõe um sistema único no seu género para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal das Forças Hipnóticas e Telepáticas, da Memória, da Concentração e da Força de Vontade por meio da maravilhosa ciência da Suggestão.

O Sr. D. C. Houlding escreve: «A vossa inspiração fez de mim um novo homem, o meu poder de concentração e o domínio de mim mesmo tendo-se melhorado extraordinariamente. Destes-me a confiança em mim próprio e tendes-me permitido exercer uma notável influência sobre os outros. Desde pouco, os meus sucessos têm sido tão remarcáveis como foram antes os meus insucessos». Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotográficas, demonstrando como estas forças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supor. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.



D. C. Houlding

Quem escrever imediatamente receberá, além do livro gratuito, um exemplar do diagrama de auto-análise do Prof. Knowles, assim como um estudo detalhado do carácter. Copie simplesmente, com o seu próprio punho, as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar,
Queira ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro».

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora) e dirija a sua carta à **PSYCHOLOGY FOUNDATION**, S. A. Distribuição gratuita (Dept. 6045-B.), Rua de Londres, n.º 18, Bruxelas, Bélgica. Se quiser pode juntar à sua carta Esc. 2.70 em selos de correio do seu país, para despesa com franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Bélgica é de Esc. 1.75.

N. B. - A *Psychology Foundation* é uma casa editora desde muitos anos. Pela distribuição dos seus úteis livros e brochuras tratando de questões psicológicas e mentais, ela conseguiu arranjar inumeráveis amigos. Mais de 40 professores universitários contribuíram nas suas edições e todos os trabalhos, pelos quais um preço é fixado, são vendidos com a garantia de satisfação ou reembolso.

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa**, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I—*Europa em guerra* (esgotado).
- II—*O Homem, lobo do Homem*—304 págs., br. 10\$00
- III—*Portugal em Campanha*—299 págs., br. 10\$00
- IV—*Latinos e Germanos*—319 págs., br. 10\$00
- V—*A Carranca da Paz*—316 págs., br. 10\$00
- Ensaio sobre educação:**
- I—*Educação e Ensino*—317 págs., br. 10\$00
- II—*Casa de Pais, Escola de Filhos*—248 páginas, br. 10\$00
- III—*Educar, na Família, na Escola e na Vida*—352 págs., br. 10\$00
- IV—*A mãe de todos os vícios*—293 págs., br. 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau**—br. 10\$00
- Jardim da Europa**.—br. 10\$00
- Ler e tresler**.—br. 10\$00
- Lição moral e cívica**, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00
- O pintor Carlos Reis**.—1 fol. formato grande 4\$00
- Três prosas (As)—A pobre, a rica e a nova rica**.—64 págs., br. 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

- CÓMICOS** (Novela)—276 págs., brochado 10\$00
- DOIDA DE AMOR** (Novela)—276 págs., brochado 10\$00
- D. PEDRO E D. INES** (Romance)—322 págs., brochado... 12\$00
- D. SEBASTIÃO**—464 págs., brochado 14\$00
- ESPAÑA**—Nova edição no prelo
- JORNADAS EM PORTUGAL**—404 págs., brochado 12\$00
- LEONOR TELES** (Romance)—395 págs., brochado 12\$00
- O PADRE SENA FREITAS** (Conferência)—64 págs., broch. 3\$00
- RECORDAÇÕES E VIAGENS**—328 págs., brochado 12\$00
- SENHORA-DO AMPARO**—292 págs., brochado 12\$00
- TOLEDO** (Impressões e evocações)—*Índice: Viagens—A caminho—Chegada—“Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde—As “Sabatinas, na catedral—Missa hispano-gótica—Lealdade lusitana—“El greco”—En “San Juan de los Reys”—Conventos—A Ponte de S. Martinho—O palácio de Fuensalida—Trevia!—Certo púlpito!—Último dia, última noite—Volta*—226 págs., brochado 10\$00
- O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS**—375 págs., brochado 12\$00
- A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER**—(Conferência) Esgotado.
- MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO**—(Discurso) Esgotado.
- MIRADOURO, Tipos e Casos**—320 págs. brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

- ANATOLE FRANCE** (Estudo)—79 págs., brochado 5\$00
- ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES**—356 págs. brochado.. 12\$00
- ESTRADA DE SANTIAGO** (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.)—408 págs., brochado 12\$00
- FILHAS DE BABILÓNIA** Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.)—320 págs., brochado 12\$00
- O HOMEM QUE MATOU O DIABO** (Romance)—353 págs., broch. 12\$00
- JARDIM DAS TORMENTAS** (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.)—328 págs. brochado 12\$00
- TERRAS DO DEMO** (Romance)—332 págs., brochado 12\$00
- VIA SINUOSA** (Romance)—360 págs., brochado 12\$00
- A BATALHA SEM FIM** (Romance)—308 págs., brochado... 12\$00
- AS TRES MULHERES DE SANSÃO** (Novelas)—268 págs., brochado 10\$00
- MARIA BENIGNA** (Romance)—286 págs., brochado 12\$00
- É A GUERRA**—Diário da grande conflagração europeia,—304 págs., brochado 12\$00
- ROMANCE DA RAPOSA**, 2.^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte**—(2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. ... 8\$00
- Braz Cadunha**—1 vol. br. 6\$00
- Entre a vida e a morte**—1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Luz perpetua**—1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Língua de Prata**—1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Mudança d'Ares**—1 vol. br. 10\$00
- Por terras estranhas**—1 vol. br. 4\$00
- Meu (O) menino**—(3.^a edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina 35\$00

À venda em todas as livrarias
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO GOELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934) 5\$00
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio** (Estudo experimental e clínico) 30\$00
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) 15\$00
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina) 7\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

DE

3 mulheres há **4**
que escolhem mal o tom
do seu pó de arroz



Os especialistas provaram que há quatro tons de pele diferentes, exigindo cada um deles uma cor diferente de pó de arroz. Empregando-se a cor que convém mais exactamente à pele, de 4 mulheres, 3 aumentariam facilmente de 100 % a beleza do seu rosto.

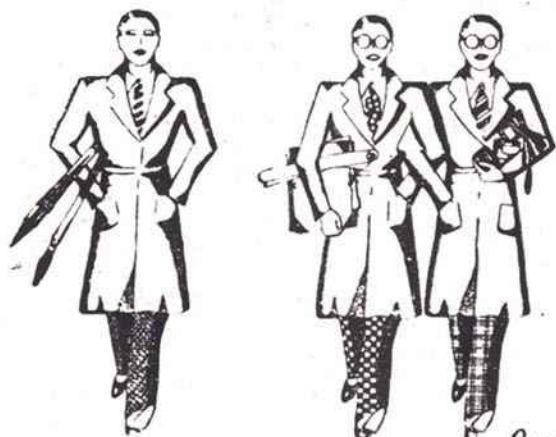
O Pó Tokalon é o único pó de arroz que se segura durante o dia inteiro, ou toda a noite, quer dentro de casa, quer ao ar livre, apesar do vento, da

chuva ou da transpiração. A «Mousse de Crème» fá-lo aderir tão íntima e invisivelmente que ninguém poderia imaginar que a esplêndida cor obtida não é o encanto próprio e natural da pessoa.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à **AGÊNCIA TOKALON, 88, Rua da Assunção, LISBOA** — que atende na volta do correio.

GRAVADORES

IMPRESSORES



Agnes

TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



Quando as moscas ameaçarem envenenar-lhe a comida

Não arrisque a sua saúde com insecticidas de inferior qualidade

Sempre que tentar dar cabo das moscas com insecticidas de inferior qualidade, arrisar-se-ha a introduzir as doenças em sua casa. Porque esses insecticidas vulgares não são susceptíveis de matar as moscas. A sua ineficácia permite que as moscas depositem livremente na comida os germens de varias doenças.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destrói de facto os insectos, matando-os.

FLIT pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta, *selada*, para sua garantia contra as imitações.



Espalhe
PÓ FLIT

Mata: formigas, pulgas, percevejos, baratas, traças, piolhos, etc.

G-49

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar aos leitores e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A atmosfera sentimental da Europa parece-se com a física A meteorologia deixou de respeitar o barómetro, a política deixou de obedecer à lógica e ao raciocínio.

Há pouco mais de um mês cheirava a pólvora em todas as direcções; neste momento andam ramos de oliveira no ar.

Terminou tudo em viagens, champagne e discursaria. Ainda bem.

Verificou-se que o alemão somente pretendia armar-se, não para fazer a guerra, mas para praticar à vontade o seu desporto favorito, a marcha militar, em posição de ombro armas. Vai-lhe como o tenis e o golf aos ingleses, os touros aos peninsulares. O seu gosto é esse. Até três ou quatro juntos ainda podem entreter-se a beber cerveja em louvor de um kaiser, ou de um führer; depois de reunidos seis torna-se-lhes difícil escapar à tentação de um passeio no passo de cadência por aí fora, com destino, ou sem êle. O regalo consiste em se moverem ao som rítmico dos calcanhares.

Se são assim, como ninguém ignora, para que haviam de os versalhistas impedir-lhes de satisfazer o natural anseio?

Proibissem os ingleses de bater nas bolas, ou os espanhóis de lidar novilhos, havia de ver-se-lhes a cara desesperada e as artes de que se serviriam para mandar bugiar os senhores que lhes fizessem a imposição. Tal o sucedido aos alemães.

E a prova de que o acontecimento nada tinha de guerreiro e tudo de desportivo acha-se nas declarações dos guarda-redes famosos, Hitler, Goering e outros.

Aquelas armas, munições, serviço militar obrigatório vêm para divertir o povo que sempre foi e continua sendo o mais pacífico de quantos o sol alumia.

Também o francês resolveu conversar e combinar com o russo, depois de combinado com o italiano para garantir a paz.

Todos procuram o sossego, a bucólica, os filhos lavradores, o som da frauta avena. O pior é que as armas fabricadas, carregadas, prontas a disparar, de súbito, sem saber-se como, explodem. Acontece quando menos se espera, à maneira das trovoadas que não previnem.

O diabo dispára uma tranca. É certo. E também o é que, se não existir a tranca nem o próprio diabo a dispára.

Com Pilsudski desaparece um dos poucos construtores de povos destes tempos, género Kemal, Mussolini, Staline.

Entende-se por construtores de povos ou nações, os homens que na massa informe da população, indiferente, passiva,

CRÓNICA DA QUINZENA

apenas dotada de pêso bruto insuflam um espírito que a transforma à semelhança do sucedido à amassadura quando recebe o fermento.

O caso polaco é bem comparável aos outros citados.

O turco encontrou-se perante um povo dissolvido, ou desaparecido; o italiano perante um anarquizado, em ruína, quasi atacado de furia suicida; o russo operou com a multidão bárbara, quasi de bestias; casos avessos como vemos.

Pois o animador de Varsóvia também se encontrou perante uma massa que a si própria se esfalçou, e durante séculos se definiu incapaz de viver unida, a constituir uma nacionalidade. Fosse a estupidez singularíssima da nobreza, a apatia nunca mais igualada do povo que gerou o mal; de facto a raça revelou incapacidade para governar-se livre de influência ou poder estranho.

Reposta a autonomia depois da guerra ainda se manifestaram sinais que permitiram dúvidas sobre a persistência do antigo mal. Um músico primeiro e vários artistas depois tentaram harmonizar o que chegou a supôr-se impossível de qualquer afinação.

Nesse material trabalhou a seguir o espírito de Pilsudski durante dez anos até realizar o milagre de construir o que veio a ser uma grande nação. Hoje são 33 milhões de almas que dentro dos respectivos corpos, formam uma das mais importantes e poderosas da Europa, graças à influência do homem de génio. Que sucederá agora com o seu desaparecimento? Há quem receie pelo futuro da sua obra.

Mais um governo em Espanha que talvez seja o antecessor de outro vago, indeterminado, previsto pelo sentimento popular.

O cronista andou há dias em digressão pela Andaluzia, onde primeiro se manifestaram destempêros que levaram espíritos agoureiros a prever a queda

num cáos e o desaparecimento da entidade há muito formada. Aqui nesta cadeira o comentador de factos sociais, em breves termos recomendou que se tivesse por superficial o movimento observado; deveria tomar-se como pesadelo do corpo que dormia durante a digestão difícil, causada por comida mal mastigada. Confiava-se na composição solida, ou estrutura milenária que vicissitudes das mais violentas não abalaram.

Andou-se agora por lá a ver e ouvir, a auscultar pensamentos, a sentir a vibração de forças que vivas e reais só são perceptíveis em contacto directo com o lugar; e do que se colheu se deduziu o bem fundado do juízo anterior.

Antes mesmo de inquirir, conversar, descobrir consciências e só pelo que de relance aparece, era licito concluir que organismo com aquela actividade não estava ferido, nem doente, ou ameaçado de ruína. Um chão assim tratado, com ordem tão rigorosa, saber e método, uma gente tão açada, correcta, aprumada, consciente da sua dignidade, possuída de um sentimento estético invulgar, um gosto de viver expresso de modo tão franco, um anseio de aperfeiçoamento nas indústrias, nas artes, nas ciências, na cultura física e intelectual constituíam outros tantos motivos para animar a convicção.

Bastaria ver a terra arada.

Povo que assim agriculta é um povo disciplinado com a regra social metida na massa do sangue.

Só depois de observar esse habitus externo e sobre o notado meditar, se começou a sondar o fundo da consciência na pessoa anónima.

Que disseram?

O ocorrido pelas tubas, classificado de anarquia invasora, trataram-no de "tonterias de niños sin pensar"; o presente consideraram-no uma lastima "un hombre que no hace nada"; o futuro resumiam-no por esta sumária aspiração "queremos un gobierno que governe".

Um vendedor ambulante foi mais explicito no seu parecer:

"Desde que se foi Primo de Rivera nunca mais fomos governados".

— E Afonso XIII?

— Un embustero.

— E Lerroux?

— No tiene sangre... és muy flojo.

A Espanha não se dissolve, não se desorganisa; prospéra e caminha para atingir um alto posto entre os povos cultos.

Esta seja a nossa consolação porque de modo nenhum nos convém um visinho louco, perverso ou ébrio.



ESPLENDOR E MISÉRIAS

Cães de raça e cães de morte

Um apêlo em favor dos pobres perseguidos da raiva humana

um cão para o cumprimento duma acção semelhante? No entanto, o cão — segundo dizem — é irracional.

A esquerda: «Anacy Florestal», cadela Serra da Estrêla, pertencente ao sr. Luiz Brandão, em BAHIA. O sr. dr. Pinto Soares examinando um Braganço.



SE os cães de Portugal estivessem sindicalizados teriam aprovado uma moção de louvor aos organizadores da última exposição canina no Jardim Zoológico que esteve segundo os entendidos, à altura das circunstâncias.

Nas dezenas de espécies expostas repletas de bom trato que os seus possuidores avolumam com requintes de ternura.

Até dá vontade de ser cão!

E não suponham que isto tem qualquer coisa de desprimoroso porque o cão sempre foi um animal inteligente e fiel. Apesar disto, chamam-lhe irracional...

Um criado, embora ao nosso serviço durante anos e anos seria muito capaz de nos abandonar num momento difícil. O cão mantém-se inalterável com a sua dedicação de sempre. Compreende a nossa atitude, punge com as nossas máguas e dá saltos de contentamento ante as nossas alegrias. Haveria algum homem capaz duma tal dedicação?

Quantos e quantos não têm sidos salvos pelos seus cães? Na queda a um rio, todos os amigos seriam capazes de se atirar à água para salvar a pessoa que a acompanhassem? Vem a propósito recordar a

anecdota do homem que salvou, certo dia, uma criança de morrer afogada. Numa festa à beira mar, havia muita gente no cais para assistir a queima do maravilhoso fogo de artifício que se anunciava. Uma criança descuidando-se, caiu à água. Grande alarido e grande confusão. Quem seria capaz de salvar a pobre criancinha a debater-se nas ondas? Ninguém se mexia. Nisto um indivíduo vestido de ponto em branco, de chapéu de palha, polainas, luvas e bengala, atirou-se ao mar, vindo a breve trecho, à tona de água, congestionado, aflito num verdadeiro desvairamento. Criando ânimo, começou a nadar e, alcançando a criança em perigo arrastou-a até à margem. Efectuado o salvamento, a multidão ergueu vivas ao herói que arriscara a vida tão generosamente. Quando um repórter perguntou ao salvador o seu nome para figurar nas gazetas, o outro, encharcado como um pinto, respondeu com uma voz repleta de ódio:

— O nome queria eu saber do malandro que me empurrou. O salvador não tinha obedecido à sua generosidade, fôra empurrado por alguém que decerto lhe conhecia as faculdades de bom nadador.

Preguntamos agora: seria preciso empurrar

«Fox-Terrier» pertencente ao sr. Costa e de Tuiçôla

país o boato de que a raiva alastrava duma maneira assustadora. Não foi preciso mais nada. Todo o cão que apare-



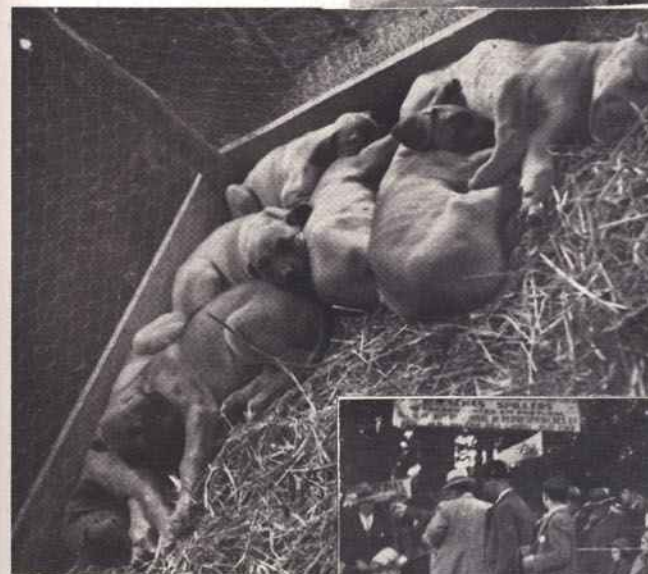
cesse era abatido, fôsse ou não raivoso. Surgira o Saint Barthelemy dos cães!

As correspondências das provincias publicadas nos grandes jornais dão uma ideia de que tem sido essa tremenda chacina que ultrapassou muitas vezes em ferocidade a dos huguenotes.

Pobres cães! Parece que os caçadores se dirigiam a Lisboa na intenção de suplicar providências contra os tais canicidas raivosos.

Ora, os bem tratados cães que vivos na exposição não tiveram, por certo, conhecimento disto porque — e ainda bem para eles — não lêem os jornais.

Na plena convicção de que serão dadas providências, continuaremos a afagar os «dogues», de boa pinta; os «Fox-terrier» de pêlo corrido ou cerdoso, os «Pointer» de cabeça magestosa, os «Braganço», minúsculos e engraçados e os



Um belo exemplar de «Fox-Terrier» de pêlo cerdoso. À esquerda, uma ninhada de dogues alemães

«Serra da Estrêla», que são a mais sólida garantia dos nossos rebanhos.

Os outros, os pobrezinhos humildes que andam pelas provincias servindo donos que nada lhes dão de comer, deles será a benevolência dos poderes públicos.

Antigamente era uso nas próprias cidades terem cêlhas com água às portas para que os cães pudessem beber quan-

do atacados pela sede. A ciência avançou, mas as garantias dos pobres cães não avançaram nem sequer se mantiveram. Como corresse o boato de grassar a raiva, a única solução seria abater os cães a tiro. Calcule-se que em face da tuberculose, do cancro ou qualquer outra enfermidade de que o homem tem a primazia por excelência, se adotava o sistema de abater todos os habitantes da freguesia. Os resultados seriam proficuos.

«Cabeça de Pointer» pertencente ao sr. Albano Ferreira

Acabariam os doentes, mas acabariam também os homens, por mais sádicos que fôsem. Aproveitamos a oportu-

nidade desta grande exposição canina para levantar um grito em favor dos pobres cachorros desprotegidos da fortuna. Estamos certos de que serem ouvidos.

Entretanto, os cães de raça, felizes na comodidade dos seus pergaminhos, não deixarão de encontrar uma certa defesa contra eles próprios, visto serem susceptíveis da raiva, e, portanto, sujeitos à violência do regime profilático.

Isto para não falar do que lhes pode vir a suceder na parte respeitante às suas gerarquias.

Hoje em dia, um cão de raça pode custar uma fortuna — um sabemos nós que custou 70 contos ao seu dono — e gasta na sua alimentação diária o suficiente para sustentar duas famílias. Louvamos todos os que dispensam carinho aos animais, mas não podemos esquecer os pobres rafeiros que não tendo títulos nobiliárquicos imploram a protecção das almas bem formadas.

Não façam mal aos pobres animais.



O juiz inglês classificado na «Pointer»



«Elka», do que alemão, pertencente ao sr. Luiz Brandão

Instituto Médico Central da Misericórdia de Lisboa

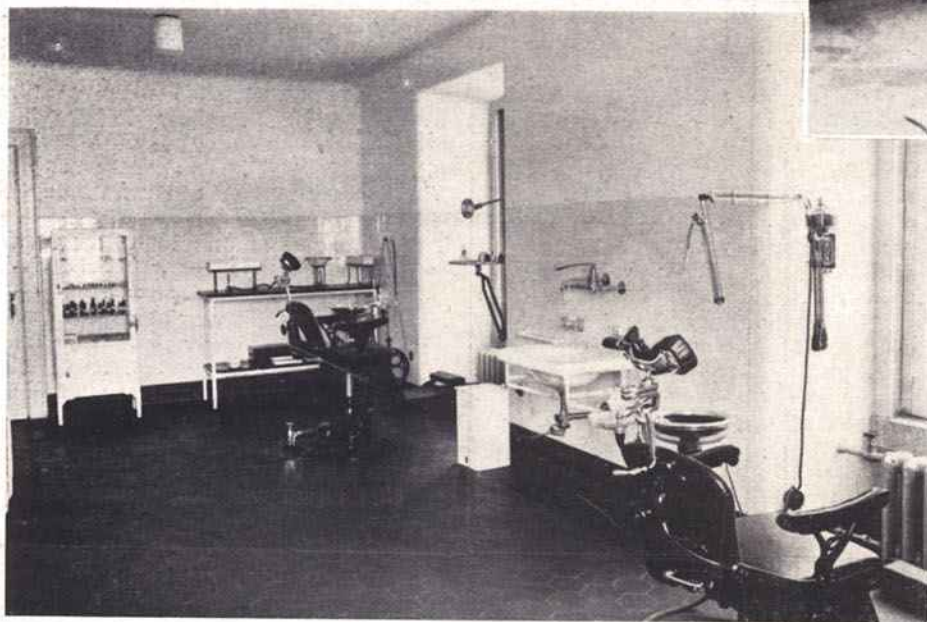
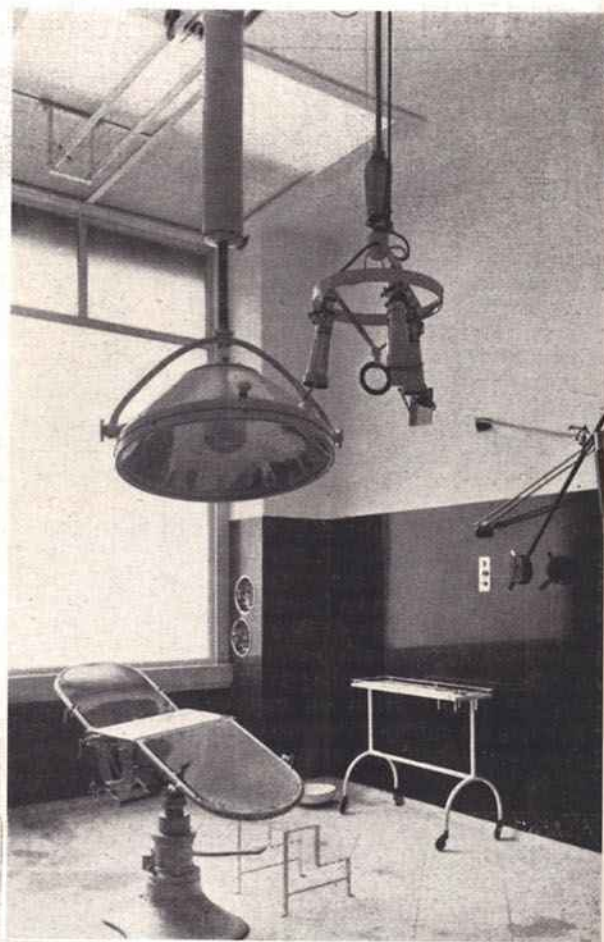
Com a assistência dos srs. Presidente da República e ministro do Interior realizou-se no dia 8 deste mês a inauguração solene do Instituto Médico Central da Misericórdia de Lisboa instalado no Largo Trindade Coelho.

Deve-se este importante melhoramento à acção da Mesa Administrativa da Misericórdia, à frente da qual se encontra o ilustre benemérito sr. dr. Silva Ramos, cuja acção é digna de elogio.

Amado e António José da Silva.

Gastaram-se nas obras de adaptação e de construção de novos pavilhões e andares, 4.296.720\$65; em material

A' direita: a sala de operações; em baixo: corredor e sala de espera



cirúrgico, aparelhos, máquinas e utensílios, 1.062.394\$94; em mobiliário 686.535\$66 — o que perfaz um total de 6.045.651\$25.

O edifício construído para este fim ocupa uma grande área e compõe-se de vários pavilhões. Destina-se a prestar assistência médica à enorme legião de necessitados protegidos pela Sopa dos Pobres, que é de cerca de 20.000.

Os srs. Presidente da República e ministro do Interior visitaram demoradamente as instalações e tiveram para o sr. dr. Silva Ramos palavras do mais rasgado e merecido elogio.

O novo Instituto começou já a prestar serviços, alargando assim a já vasta obra de assistência da Misericórdia.

As instalações do novo Instituto Médico Central são constituídas por: um laboratório de análises bromatológicas, clínicas e anatomo-patológicas; um laboratório farmacêutico e farmácia central; cozinha de leite; lactário; consultas de: medicina geral, cirurgia geral, pediatria, dermatologia, ginecologia, urologia, oto-rino-laringologia e estomatologia; gabinete de rádio-diagnóstico e agentes físicos; enfermarias de medicina, exclusivamente destinadas aos internados nos vários estabelecimentos a seu cargo, aos alunos dos seus semi-internatos e às crianças dos seus lactários e creches; pequenas enfermarias de cirurgia, anexas às diferentes consultas.

Em cima: clínica de estomatologia; à direita: uma das enfermarias

O Instituto, que é dirigido pelo sr. dr. Simões Ferreira, tem como directores de serviços os srs. dr. Amândio Pinto, Ary dos Santos, Pereira Caldas, José Sabino Pereira, Mário Carmona, Mário Moreira, J. Cordeiro Branco, Neves Sampaio, João Ribeiro da Silva, Tudela de Castro, João da Silva Neves de Sousa Alvim, Alberto



A passagem do "Gonçalves Zarco," por Xangai



tivas esposas, tendo comparecido mais de trzentas pessoas, entre as quais o Embaixador de Itália, os Ministros de Cuba, Polónia, Japão, Checoslováquia, os Encarregados de Negócios da Bélgica, Noruega e Suécia, todos os Cônsules estrangeiros, o Major de Xangai, o Inspector Geral das Alfândegas Chinesas, os Comandantes das forças inglesas, francesas e japonesas e numerosos oficiais e funcionários chineses e estrangeiros.

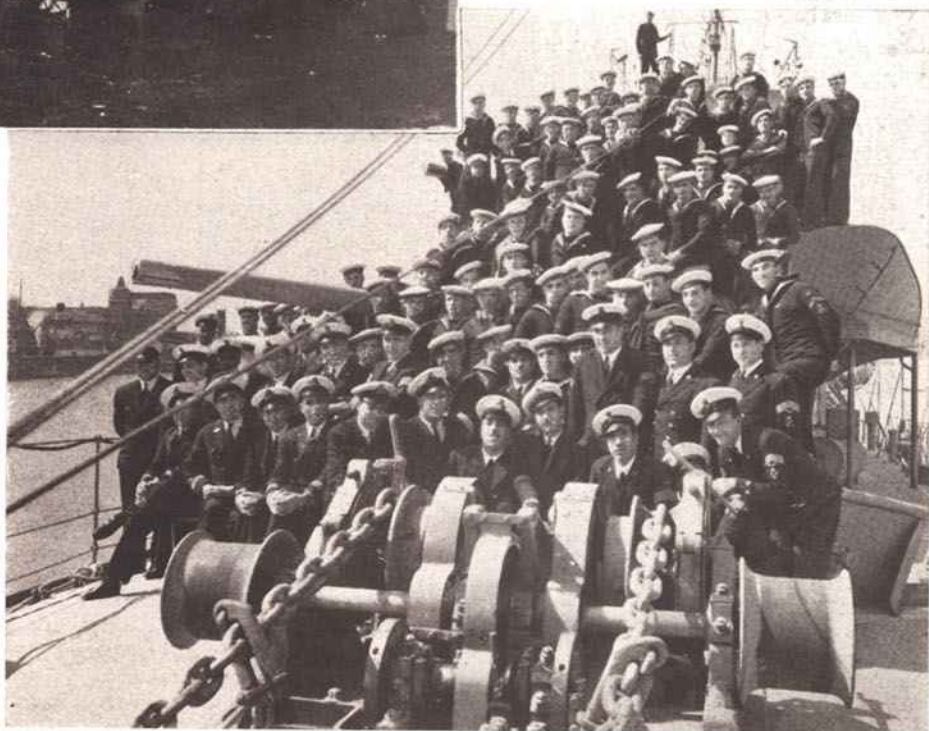
No dia 6 o Comandante e oficiais do «Gonçalves Zarco» ofereceram a bordo um chá à colónia portuguesa, tendo-se dançado animadamente até às 21 horas.

O Aviso «Gonçalves Zarco», em visita às colónias portuguesas do Oriente, chegou no dia 1 de Abril a Xangai, onde se demorou uma semana. Os oficiais e marinheiros daquele navio de guerra foram alvo de grandes manifestações de simpatia por parte da importante colónia portuguesa naquela cidade, que organizou vários festejos, entre os quais uma recepção nas salas do Clube Lusitano. Os sargentos da Companhia Portuguesa de Voluntários ofereceram um banquete aos seus camaradas do «Gonçalves Zarco», tendo-se trocado vários brindes.

O Consul Geral de Portugal ofereceu um jantar ao Comandante e oficiais do navio de guerra português e uma recepção à colónia portuguesa, a que assistiram as direcções de todas as agremiações portuguesas, vários membros da colónia e um grande número de senhoras. No dia 5 o Consul Geral deu uma grande recepção em honra dos oficiais, para a qual foram convidadas todas as autoridades estrangeiras e suas respec-

Em cima: Um aspecto da recepção; ao lado: oficiais, sargentos e marinheiros do «Gonçalves Zarco» fotografados no momento da sua chegada a Xangai

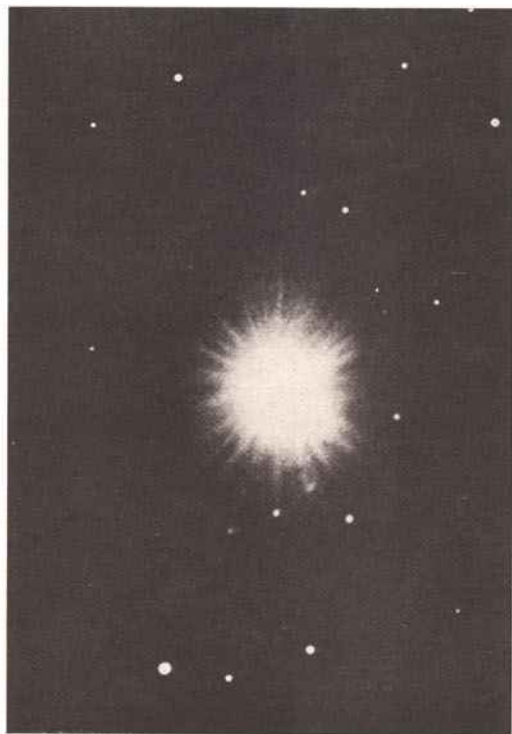
(Fotos amavelmente cedidas pelo sr. dr. António Alves, consul do nosso país naquela cidade)



O banquete dos cônsules estrangeiros em Portugal



No dia 1 do mês corrente realizou-se no Avenida Palace um banquete em que se reuniram os Cônsules acreditados em Lisboa. Presidiu o sr. Diogo Joaquim de Matos, consul da Letónia, que no final usou da palavra para recordar a obra da Agremiação dos Cônsules estrangeiros em Portugal. A festa decorreu num ambiente de cordialidade e deixou as mais gratas recordações.



Antes do incêndio que a abraçou, a estrela «Nova Herculis», que se vê ao centro da fotografia, não passava dum pequeno ponto luminoso como qualquer das que a cercam, e que ao telescópio se podem ver.

grafada várias vezes desde 1881. Tinha então a grandeza de 10,5 que conservou até 7 de Junho de 1918, dia em que começou a aumentar desmesuradamente. Quanto à estrela, que fica sendo conhecida pelo nome de *Nova Herculis*, sabe-se que no ponto onde foi assinalada existia uma estrela de 15.^a grandeza.

As *Novae* caracterizam-se pelo seu aparecimento súbito e duração efêmera. Dias ou mesmo horas antes do fenómeno ser assinalado, a observação dessa zona do céu nada revela que permita pre-

A Via-Láctea, essa mancha luminosa que podemos distinguir em noites límpidas atravessada no céu, acaba de ser teatro dum espantoso drama — ou antes, dum fenómeno gigantesco cuja razão nos escapa e de cuja importância só imperfeitamente nos podemos dar conta.

Foi o amador de astronomia inglês J. M. Prentice a primeira pessoa a assinalar o acontecimento que começava a desenrolar-se no espaço. Às cinco horas da madrugada de 13 de Dezembro do ano findo, Prentice observava com o auxílio da sua lente astronómica a zona que vai da constelação de Hercules à de Cisne, quando notou uma estrela de terceira grandeza num ponto onde até então nunca vira astro algum. Compreendendo que se tratava de qualquer facto de excepcional importância apressou-se a comunicar a sua descoberta ao Observatório de Greenwich, que imediatamente chamou para elle a atenção dos astrónomos do Mundo inteiro.

Tratava-se de facto duma nova estrela que surgia nos espaços e cujo fulgor aumentava de hora para hora. Nessa remota região do espaço ateara-se um gigantesco incêndio e um astro ardia abraçado por um calor que os sábios aviam em vinte milhões de graus centígrados!

As estas estrelas que surgem inopinadamente chamam os astrónomos *novae*. Supõe-se, em geral, que no ponto onde aparece uma *nova* existia anteriormente uma estrela de pequena grandeza. Assim, a *Nova Corona* descoberta em 1866, parece ter sido anteriormente uma estrela de quinta grandeza. A *Nova Aquilae* de 1918 já fo-

ver o que vai passar-se. Por outro lado, alguns meses ou anos são suficientes para reduzir a *Nova* a astro de pequena grandeza.

Deve dizer-se que estes fenómenos se produzem, por vezes, relativamente próximo de nós. Em astronomia as distâncias são calculadas em unidades de *ano-luz*. Entende-se por *ano luz* a distância que um raio luminoso percorre durante um ano propagando-se à fantástica velocidade de 300.000 quilómetros por segundo. Ora o cálculo indica que a *Nova Herculis* se encontra a uma distância de 2.000 anos luz.

Esta cifra pode parecer espantosa e presta-se a curiosos raciocínios. Assim se a luz leva 2.000 anos para chegar desde esse astro à Terra deve concluir-se que o fenómeno a que agora assistimos ocorreu de facto há vinte séculos, por exemplo aumentou 400 vezes de intensidade luminosa em 28 horas. A *Nova Persei*, em 28 horas, multiplicou o seu brilho 1500 vezes. A *Nova Aquilae* excedeu-as em muito pois a sua luminosidade aumentou 50.000 vezes em quatro dias. Mas a *Nova Herculis* acaba de ultrapassar tudo, com um aumento de cerca de 100.000 vezes do seu brilho.

Neste apogeu de luminosidade, as *novae* podem ser consideradas os astros mais importantes do céu. Lundmark calcula que o seu brilho seja então 25 a 60.000 vezes superior ao do Sol.

Para estudar as diversas fases da evolução das *novae*, os sábios servem-se hoje desse extraordinário aparelho que é o *espectroscópio*. Por meio deste, um raio luminoso recebido da estrela, é decomposto por um prisma e o espectro resul-

OS DRAMAS CÓSMICOS

O nascimento das estrelas

O mistério dos astros que despertam uma actividade intensa e efêmera

Mundo, tem estudado essas nebulosas até à distância prodigiosa de 150 milhões de anos-luz, que é actualmente o limite da exploração, humana do espaço, e pôde notar que entre essa poeira de estrelas o aparecimento de *novae* é um facto frequente.

Para os astrónomos, o fenómeno é conhecido de longa data. A primeira *nova* de que há notícia foi descoberta por Hiparco no ano 134 antes de Cristo. Os chineses, meticulosos observadores do espaço celeste, registaram também o fenómeno de que deixaram um relato escrito.

A estrela que guiou os pastores e reis magos até ao presépio de Belém deve ter sido igualmente uma *nova* e as investigações científicas feitas nesse sentido parecem ter levado às conclusões de que houve de facto um fenómeno desse género contemporâneo do nascimento de Jesus Cristo.

Em 1572 voltou a registar-se o aparecimento duma *nova* particularmente brilhante, na constelação de Cassiopeia. O seu fulgor era tão grande que chegou o seu visível em pleno dia. O facto não deixou de impressionar as multidões que viram nele o presságio das mais terríveis fatalidades. Foi depois considerado como pronúncio da «*Sainte-Barthelemy*».

De então para cá, o número de *novae* observadas tem aumentado constantemente. Nos tempos modernos todos os recursos da ciência têm sido empregados para estudar a sua evolução e desvendar-lhes a sua origem.

Uma das *novae* mais curiosas sob o ponto de vista científico foi a descoberta em 1925. Três anos depois esta estrela, que ficou conhecida por *Nova-Pictoris*, dividiu-se ao meio e formou dois astros independentes.

Quanto à última, a *Nova-Herculis*, a fazer lê pelas informações publicadas nos jornais, a sua evolução acaba de ter o mais imprevisto desfecho. A tremenda explosão pareceu tê-la pulverizado. O seu desaparecimento poderia atribuir-se à sua conduta leviana e extravagante, ou dizer espiritualmente da informação telegráfica.

Para formar idéias de violência do cataclismo que determina a aparição duma *nova* e do seu caracter súbito, basta ver o modo como o seu brilho aumenta. A *Nova Gemmarum*, por exemplo aumentou 400 vezes de intensidade luminosa em 28 horas. A *Nova Persei*, em 28 horas, multiplicou o seu brilho 1500 vezes. A *Nova Aquilae* excedeu-as em muito pois a sua luminosidade aumentou 50.000 vezes em quatro dias. Mas a *Nova Herculis* acaba de ultrapassar tudo, com um aumento de cerca de 100.000 vezes do seu brilho.

Neste apogeu de luminosidade, as *novae* podem ser consideradas os astros mais importantes do céu. Lundmark calcula que o seu brilho seja então 25 a 60.000 vezes superior ao do Sol.

Para estudar as diversas fases da evolução das *novae*, os sábios servem-se hoje desse extraordinário aparelho que é o *espectroscópio*. Por meio deste, um raio luminoso recebido da estrela, é decomposto por um prisma e o espectro resul-

tante fornece preciosas indicações sobre a natureza das substâncias que entram na composição do astro.

Este extraordinário invento encontra-se hoje levado a um grau de extraordinária perfeição e pode dizer-se que contribui tanto como o telescópio para o progresso da ciência astronómica. É a elle que se deve a descoberta do hélio na atmosfera solar, ainda antes da sua existência ter sido assinalada na atmosfera terrestre. Daí a origem do nome de hélio, que em grego significa sol.

O espectro da *Nova Herculis* revelou de princípio a presença de hidrogéneo e hélio e mais tarde a de magnésio. Permite ainda avaliar a velocidade dos gases projectados pela estrela que é de cerca de 3.000 quilómetros por segundo.

Todas estas observações ainda são, no entanto, insuficientes para nos esclarecer sobre as origens que determinam estes espantosos dramas do espaço. Que factores provocam a explosão duma estrela que até então brilhava modestamente no céu? Que forças tremendas a fazem abraçar num incêndio que excede todas as catástrofes físicas conhecidas?

Diversas teorias têm sido propostas para explicar o fenómeno. Segundo alguns astrónomos, a aparição duma *nova* poderia resultar do choque de duas estrelas ou duma estrela com um planeta obscuro. Mas o cálculo demonstra que as probabilidades dum acontecimento dessa natureza são deminutas. Dadas as distâncias que separam os astros, um choque entre dois deles só se poderia produzir uma vez em milhares ou mesmo milhões de anos, o que está em desacordo com a relativa frequência do fenómeno. Além disso, o calor desenvolvido por um acidente desse género levaria milhões de anos a extinguir-se e uma das características das *novae* é, muito ao contrário, a sua curta duração.

Outros astrónomos, e entre eles sir W. Huggins, opinam que não é necessário o choque se dê na realidade. A aproximação relativa de dois astros basta para provar em qualquer déles violentas marés, à semelhança do que numa escala muito reduzida sucede à Terra com a Lua. Num globo em incandescência essas marés traduzir-se-iam por uma ruptura do equilíbrio, seguida duma erupção de incalculável violência. Biérton adopta ainda outra teoria. Em sua opinião o choque entre as duas estrelas não é directo, mas sim de raspão. Os dois astros seguem por isso o seu caminho, mas deixando ambos uma pasta da sua substância que o atrito elevou a uma temperatura altíssima e que constitui o núcleo da *nova*.

Finalmente Jean Perrin no seu livro «*Grains de Matière et de Lumière*» propõe para estes fenómenos uma aplicação atómica. Como se sabe, o átomo que durante muito tempo foi considerado a última divisão da matéria é formado por elementos que a ciência só excepcionalmente con-

segue separar. A desintegração do átomo é contudo possível e pode portanto admitir-se que numa determinada fase da evolução dos astros, a substância que os forma se torne desintegrável. A explosão dos átomos bastaria para explicar o fenómeno a que assistimos sem compreender.

Esta teoria suscita porém um problema inquietante. Admitindo-a como verdadeira, todas as estrelas estão sujeitas a passar por esta fase. Teria o Sol sido já teatro duma explosão dessas? Ou pode elle ocorrer dum momento para o outro? Nesta última hipótese estaríamos perante um novo género de fim do Mundo, pois a sorte do nosso planeta não poderia oferecer dúvidas, sabendo-se que os gases da explosão seriam expelidos para além da órbita de Neptuno.

Tudo quanto se refere às *novae* tem ainda um alto interesse por isso que elas parecem relacionar-se intimamente com os processos de renovação do Universo. A perda gradual de calor e energia vai extinguindo progressivamente todos os astros. Para que a Criação não «morra» é necessá-

rio, portanto, que os astros se renovem, que a matéria fria e inerte se reanime. A aparição da *nova* parece ser o processo que a Natureza se serve para o conseguir. A ser assim, esses es-

perantosos incêndios não seriam sinais de destruição, mas sim a alvorada gloriosa duma nova vida. Resta outro aspecto científico do problema. É o que pretendo ver na formação das *novae* a origem dos misteriosos raios cósmicos.

Como se sabe, há já anos que a ciência determinou a existência de radiações que atingem a todo o momento a superfície do nosso planeta, animadas de enorme velocidade que lhes dá um grande poder de penetração. Essas radiações podem atravessar alguns metros de terra e são necessariamente espessas chapas de chumbo para as deter na sua trajetória.

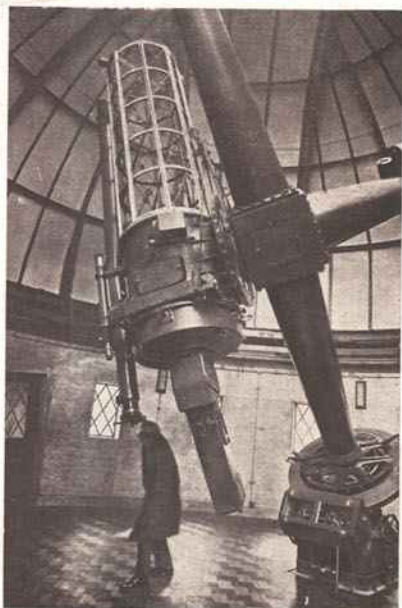
Donde provêm? Eis o que os sábios não podem até hoje estabelecer duma maneira concreta. O maior interesse das ascensões de Picard à estratosfera consistia justamente em estudar essas radiações a uma altitude em que a atmosfera já não prejudicava as observações.

Existem, porém, várias hipóteses com que se pretende explicar a origem dos raios cósmicos. E uma delas é a que os atribui à desintegração de astros no espaço. A ser assim as radiações que agora se registam poderiam ter sido causadas pelo aparecimento duma *nova* próximo sistema solar e reproduziriam-se ainda hoje à maneira dum écho da catástrofe.

Para comprovar esta teoria um astrónomo orientou agora os seus sensíveis aparelhos na direcção da *Nova Herculis* e julgou ter encontrado um aumento de 0,2% na intensidade dos raios cósmicos.

Se os resultados da sua experiência se confirmarem o mistério da origem dos raios cósmicos ficará desvendado.

E a ciência terá dado mais um passo importante para a compreensão dos segredos do Universo.



Um dos grandes telescópios com que os sábios penetram os misterios do espaço imenso.



O espectroscópio de Colfax, um dos mais aperfeiçoados.

Encontra-se em Lisboa o jornalista austríaco W. M. Ullmann, correspondente particular para Portugal e Espanha de jornais do seu país e da Suíça.

W. M. Ullmann teve ocasião de conhecer, no decurso da sua brilhante carreira, entre muitas outras individualidades em destaque, o grande escritor romeno Panaït Istrati, recentemente vitimado pela tuberculose que há muitos anos o minava.

O nome de Panaït Istrati é conhecido do público culto português, embora não tanto como seria natural, dado o seu grande valor. Da categoria do escritor dá ideia o facto de ter ficado conhecido no mundo das letras pela designação de "Gorki balcânico".

A nosso pedido, W. M. Ullmann, um dos últimos jornalistas que entrevistaram Istrati, teve a amabilidade de escrever para a "Ilustração" a crónica que abaixo se vai ler e em que transparece a sua admiração pela memória do grande escritor romeno.

Foi o verão passado que Panaït Istrati vinha, como eu, de Paris. Dirigia-se para a sua casinha de campo de Dobrujscha, e eu ia a caminho de Bucarest. Era esta a terceira vez que êle voltava à Roménia e havia de ser a última. Êste encontro ao acaso com o grande poeta, no wagon-restaurante do Expresso de Oriente, foi para mim o primeiro após de precisamente dez anos. Tinha-o conhecido quando no esplendor da sua primeira celebridade. Foi pouco tempo depois de Romain Rolland, enérgico e decidido, ter tomado sob sua protecção especial êste estranho vagabundo, que na Promenade des Anglais, em Nice, acabara de tentar cortar as carótidas com uma navalha de barba e a quem o médico descobriu o manuscrito de um violentíssimo romance escrito num francês quasi impecável em bocados de tôda a espécie de papel. Nestes dez anos decorridos, tinham saído a enriquecer a literatura mundial, não só êsse romance mas tôda uma série de obras de Istrati, traduzidas em tôdas as línguas e com elas chegou ao estrangeiro uma velha e nova Roménia até então quasi desconhecida. As personagens das epopeias de Istrati, a bela Kira Kiralina, o tio Anghel, o revolucionário Cosma, todos percorreram vinte países e a sua história foi contada em vinte línguas diversas.

A viagem pelo Danúbio, os portos do Mar Egeu, as ilhas do arquipélago grego, Stambul e Pera, Brussa e Smyrna, Port Said e Alexandria, todos estes locais por onde o vagabundo tinha errado, reproduziram-se perfeitamente em tôdas essas

ÚLTIMO ENCONTRO COM PANAÏT ISTRATI



Panaït Istrati, visto por Maribona

diferentes obras, tão bem como o Vesúvio em cujas faldas repousára, alimentando-se durante muitos dias apenas dos frutos dos pomares exuberantes e abertos da paisagem napolitana. Mais tarde veio para a Suíça onde conseguia viver como operário pintor, e onde aprendeu francês pelas obras de Jean Jacques Rousseau, que de qualquer forma lhe vieram parar às mãos. No percurso entre Genebra e Lyon adquiriu um aparelho fotográfico com o qual veio aumentar o número dos muitos que em Nice se entregam ao mistér ingrato de fotografar os turistas. Foi então que começou a pensar no suicídio de que o destino no último momento o livrou arrancando-lhe da mão a navalha, para ainda lhe conceder um prazo de dez anos nos quais veio a conhecer o êxito. Tinha quarenta anos. Era magro, estava doente e pobre. O homem que venho encontrar no Expresso Oriente tem agora cinqüenta anos e não está realmente muito mais rico. Está tão magro como dantes e muito mais doente. Seus olhos, essas luzes sempre tão ávidas de viver, têm o brilho fébril dos condenados a uma morte prematura. Não herdou a robustez da mãe, camponesa romana nem a resistência do pai, o contrabandista grego. Está tuberculoso num es-

tado já muito adiantado. Contudo não dá, de modo algum, impressão de desalentado, e de facto não é essa a sua disposição de espírito. Tão habituado como está à luta, ainda não desistiu dela. Está vivo, irrequieto, dispôsto para a palestra. Santo Deus, que bem que sabe contar! Tal como nos habituamos a imaginar o narrador oriental, de que encontramos nele a verdadeira personificação. E' capaz de falar durante horas seguidas sem fadiga e não cança ouvi-lo. Ocorre-me ter Joseph Kessel contado que muitas vezes, à noite, em Montparnasse, ficava com Istrati desde a partida do último Metro até à chegada do primeiro da manhã, sómente a escutá-lo pois não conversavam. Nunca sentia o desejo de o interromper — de o interrogar. Eu sou mais exigente. Vou a caminho de Chisinau onde, ao cabo de quinze anos de comunicações cortadas com a Rússia, se vai proceder à inauguração da ponte sobre o Dniester que liga a Roménia à Rússia. Mas vejo que, as questões que mais me interessam, relativas a êste assunto, êle prefere um silêncio significativo: nada mais tem a acrescentar ao seu livro sobre a Rússia que é o fruto de amargas disilusões e foi o rebate que o fez arrear caminho.

Um belo dia Panaït Istrati tinha desaparecido de Paris — não se encontrava nem no "Café da Dôme", nem na "Rotonde", — não estava no "Select", nem nos "Deux Magôts", — nem no "Tabac Pigalle", nem no "Dupont Cyrano". Também se tinham enganado aqueles que o julgavam em Nice, de que êle tanto gostava. Istrati tinha partido subitamente, e sem dizer palavra, para a Rússia Vermelha, para o País que lhe diziam ter-se tornado a terra de igualdade de justiça onde se realizara tudo por que êle próprio tinha suspirado, tinha escrito, e se tinha batido... Sabe-se em que disposição de espírito de lá voltou — tão transtornado que primeiramente teve de recolher à sua aldeia romena, à sua Dobrujscha — e levou uns poucos de anos a resolver-se a voltar à França. Por fim apareceu um dia, inesperadamente, em Paris.

Depois de ter estado algumas semanas em Nice e Cannes a descansar no princípio do verão do ano passado, abandonou de novo a capital francesa onde esteve algum tempo com os seus camaradas com quem repartiu o resto do dinheiro ganho com o seu último livro contra a Rússia ficou apenas com o suficiente para poder voltar ao seu País, — cheio de planos para um livro novo, um livro para a sua defesa. Não lhe foi dado acaba-lo.

Viena

W. M. Ullmann

O XII PORTUGAL-ESPANHA EM FUTEBOL

— COMENTARIOS DO JOGO E DO RESULTADO —

ESTE XII encontro entre as selecções portuguesa e espanhola de futebol, disputado há dez dias no Estádio do Lumiar, fica assinalado na história do desporto nacional como um dos mais extraordinários, senão o mais extraordinário feito duma equipa representativa lusitana.

Não é o simples facto de haver conseguido um empate com a forte e consagrada selecção espanhola que valoriza o esforço dos nossos jogadores, mais sim e sobretudo a forma como êle foi alcançado. Os 3-3 finais da marcação prestam-se a uma análise psicológica fértil em ensinamentos.

O grupo nacional apresentou-se em campo no dia 5 de Maio convenientemente preparado, tanto física como moralmente; o longo estágio comum de Carcavelos e a orientação inteligente de Cândido de Oliveira, conseguiram o milagre de construir uma verdadeira equipa com o núcleo dos jogadores escolhidos: havia um espírito de comunidade, uma aspiração superior, uma confiança serena nos próprios recursos.

A imprensa, por seu lado, contribuiu para criar no espírito público uma fé unânime na classe dos elementos escolhidos, e a esperança bem firme na possibilidade, que para muitos era probabilidade, de obter enfim uma vitória até agora inacessível.

O ambiente inicial do encontro era, portanto, de confiança, e nunca em Portugal tantos milhares de pessoas se haviam

reunido em tórno dum rectângulo de futebol.

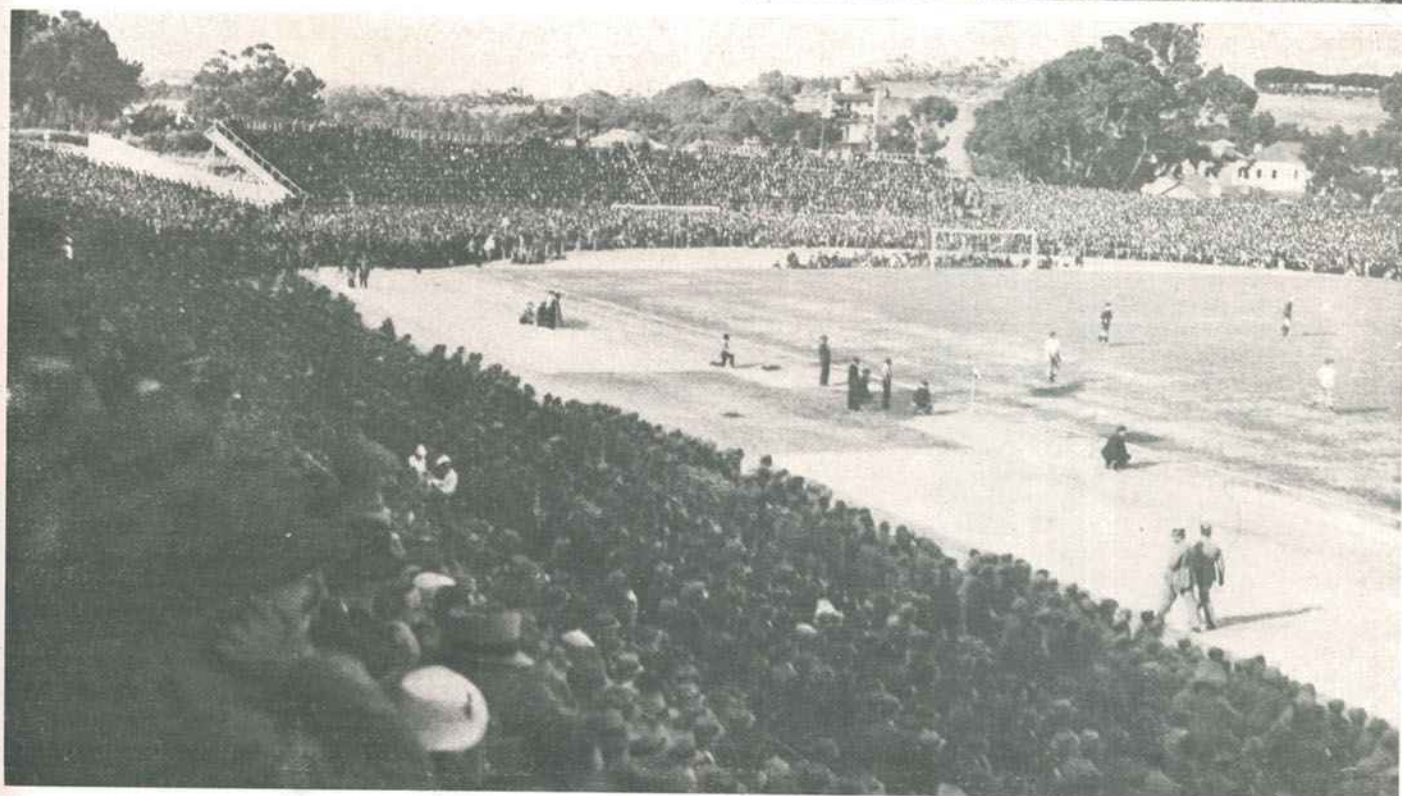
Acolhido por uma ovação significativa o onze português começou a partida a todo o gaz, instalou-se no meio campo adversário, e se houvesse marcado uma ou duas vezes seria o facto absolutamente lógico. Mas em vinte minutos de domínio constante e intenso, os nossos avançados não souberam por falta de remate — e também porque encontraram na sua frente um Quincoces admirável de antecipação e oportunidade — tirar o proveito necessário; o guarda-redes Esaguirre, durante êsse largo período, executou uma única defesa arriscada, a um pontapé lançado por Soeiro.

Foi nesta toada de jôgo que uma descida dos espa-

nhois provocou um canto e dêsse canto nasceu um "goal," que caiu como um bloco de gelo no entusiasmo da assistência. Julgamos que, a partir dêste momento e até à marcação da primeira bola dos portugueses, a impressão geral foi a duma inevitável fatalidade a destroçar todos



A' direita: o aperto de mão simbólico entre os capitães das duas equipas; em baixo: um aspecto geral do campo do Estádio na tarde do encontro





Os componentes da equipa espanhola

os esforços em conquista do ambicionado triunfo.

O segundo "goal," de Langara maior desânimo provocou ainda e os próprios jogadores acusaram o toque, desorganizando-se, cedendo terreno, deixando que se afirmasse a superior técnica dos adversários, até então neutralizada a golpes de energia.

Durante o intervalo poucos seriam aqueles alimentando ainda a esperança dum resgate; argumentando com a circunstância de alinharmos no segundo tempo contra o vento, previa-se, dum modo geral, um desaire acabrunhador, impressão esta que o terceiro "goal," fulminante de Gorostiza mais veio reforçar no espírito do público.

Chegamos assim ao ponto nevrálgico do encontro, o ponto da vira-volta surpreendente; afirmaram alguns jornais que o recrudescer de valor da equipa nacional se deve aos incitamentos constantes

dos quarenta mil espectadores, amparando no momento crítico os seus representantes.

A afirmativa é errada; quem assistiu ao partido e queira julgar com imparcialidade, reconhecerá que o desânimo invadira as hostes populares, aplausos e aclamações abafados progressivamente pelo gélido silêncio da conformação.

Era tal a desmoralização reinante que muitas pessoas, na expectativa dum desastre, se preparavam para abandonar o campo.

No entanto, sempre com brio, os rapazes seleccionados continuavam lutando sem quebra de ânimo, inteligentemente aconselhados à prática do jogo rasteiro e favorecidos pela circunstância de haver o vento, patrioticamente, abrandado de intensidade.

Um ataque perigoso força Esaguirre a duas defesas consecutivas, a segunda enviando de recurso a bola para trás da

linha; Mourão marca o canto, o guarda-redes espanhol falha a intercessão e Soeiro, com um leve toque de cabeça, marca para Portugal.

Parte daqui a troca de situações; os nossos vislumbram a possibilidade de melhorar a posição e a assistência vibra de novo, como se aquele ponto fôra o da vitória. Então, sim; então a massa enorme de gente circundando o terreno clama unísono a sua fé renascida, fazendo sentir aos jogadores que a confiança inicial não morrera, e estes, num desbarato impressionante de energia, levaram por diante toda a vantagem técnica dos espanhóis, impuseram a sua vontade, demonstrando que acima da clássica "fúria espanhola," se impõe e domina a "alma portuguesa".

A bola de Artur Sousa, da melhor factura, e depois a justíssima grande penalidade que nos deu o empate, — levando o entusiasmo ao rubro, — vieram quasi como seqüência inevitável, como inevitável chegou a parecer a vitória que a pouca decisão de Nunes e uma precipitação de Soeiro deixaram fugir quando se afigurava alcançada.

O grupo de Portugal, o eterno batido pela Espanha, o adversário considerado pelos dirigentes espanhóis e a-pesar-de todas as gentilezas protocolares como uma vítima previamente sacrificada, fizera o milagre: inferiorizado de três pontos, nivelara a situação em treze minutos!

Depois d'êste esquema resumido do famoso encontro, seria incoerência destacar individualidades no grupo português. Foram onze vontades firmes, onze corações a pulsar acordes, onze acumuladores de energia inesgotáveis que obtiveram para o desporto lusitano um resultado brilhante, tanto pelo seu significado absoluto como pelas condições em que decorreu.

Quíntos anula com uma entrada de cabeça um ataque combinado dos portugueses Mourão, Vitor Silva e Soeiro



Citemos-lhes os nomes, sem distinção, num elogio comum, como comum foi o seu esforço. Artur Dyson dos Santos, João Jurado, Gustavo Teixeira, Francisco Albino, Rui de Araujo, Carlos Pereira, Adolfo Mourão, Vítor Silva, Manuel Soeiro Vasques, Artur de Sousa e Carlos Nunes.

A bem da justiça é preciso afirmar ser exclusivamente seu o empate glorioso arrancado nas mais difíceis contingências; se não fôra o excelente moral com que entraram e se mantiveram em campo, o desejo inquebrantável de reagir contra um destino ingrato, não haveria clamores nem incitamentos públicos que os lançassem para diante, tanto mais quanto esses incitamentos falharam na ocasião em que eram necessários.

O entusiasmo da assistência seguiu uma curva de dois ramos, descendente do primeiro "goal," espanhol ao ponto de Soeiro e crescente daí até final. Cada uma das bolas portuguesas foi recebida com maior júbilo do que a antecedente, e a vibração de louca alegria provocada pelo empate foi imponente espectáculo inolvidável de apoteose ao nobre senhor desporto. Se a vitória se entrega, o que se teria passado naquele Estádio?

Ao encontro assistiram o sr. Presidente da República e o sr. Ministro das Obras Públicas; lastimamos que a seu lado não pudesse estar também o sr. dr. Oliveira Salazar, para que à famosa jornada comparecessem tôdas as altas individualidades chamadas, pela sua posição oficial, a interferir na construção do futuro Estádio Nacional.

Ficou, em primeiro lugar, demonstrada a urgência da sua edificação; o terreno do Lumiar, a-pesar-do esforço organizador dos dirigentes federativos é insuficiente para tão importantes manifestações. O público acumula-se incomodamente, em más condições de visibilidade, o número de lugares sentados é escasso, e a-pesar-de aglomerados os espectadores como sardinha em lata ficaram ainda impossibilitados de conseguir entrada alguns

milhares de pessoas: e estavam no Estádio 40.000 almas!

A selecção representativa de Portugal



Uma saída de Esaguirre que conseguiu arrebatá-la a Pinga

Bem sabemos que se trata dum acontecimento extraordinário no desporto português, merecendo mesmo ser considerado único, pois além de suscitar um interesse popular anormal, chama a Lisboa avultado número de forasteiros espanhóis; mas não será para estes grandes partidos internacionais que Portugal precisa encontrar um cenário condigno, prestigiante aos olhos dos milhares de estrangeiros visitantes?

Julgamos que o facto não oferece discussão e por isso uma vez mais manifestamos discordância do projecto que estabelece para o Estádio Nacional uma lotação de 30.000 pessoas, absolutamente insuficiente para as ocasiões em que o Estádio mais preciso seria. Sem sonhos de exageros desmedidos, apenas na exacta proporção das nossas capacidades, devemos lembrar-nos de que construímos para o futuro e que a ideia desportiva tende a cada vez maior expansão; é indispensável evitar que um critério mal interpretado venha a inutilizar a breve prazo a mais importante

obra do Estado a favor da causa desportiva.

Os espanhóis não souberam perder; ao pêso da tremenda desilusão o espírito desportivo baqueou, entregaram-se em campo a alguns actos deselegantes e procuraram depois, nas críticas dos jornais, encontrar mil pretextos, todos mais falsos uns de que os outros, para justificar o fracasso da sua equipa.

No auge das explicações sucede, porém, que a discordância de vozes atinge o ridículo e facilmente denuncia a inconsistência dos argumentos: não há dois jornalistas que digam a mesma coisa, chegando alguns a mudar de opinião do título da crónica para o texto.

Fica-nos, no fim a impressão que esta meia vitória, que foi um extraordinário triunfo moral, veio criar mais dificuldades á seqüência dos encontros do que as habituais derrotas que sempre se prestavam a agradáveis panegíricos.

Salazar Carreira.



FIGURAS E FACTOS

O baile do pessoal da Companhia dos Telefones

A exemplo de outros anos, os empregados da Companhia dos Telefones organizaram um baile que, como sempre, marcou pela elegância e animação. A sala encontrava-se artisticamente decorada, com bandeiras portuguesas e inglesas e material de publicidade dos telefones. A assistência era numerosíssima. As orquestras tocaram ininterruptamente tendo-se dançado durante toda a noite. As nossas gravuras mostram: em cima, a comissão organizadora da brilhante festa; em baixo, um aspecto do baile.



Ceia dos médicos



José Sanz y Diaz



Decorreu com o maior entusiasmo, no «Maxim's», a ceia à americana, promovida pelos médicos de Lisboa, a favor da sua Caixa de previdência. Os sumptuosos salões do elegante club encheram-se de um público escolhido, entre o qual os nossos mais ilustres clínicos com suas famílias. A ceia, abrilhantada pelas orquestras «Vitória» e «Blue Jazz Ladies», decorreu no meio de grande alegria, dansando-se animadamente até alta madrugada. O «dancing» apresentava uma graciosa decoração e às senhoras foram oferecidos delicados perfumes. Uma festa encantadora que a todos deixou as mais gratas recordações.

E, no fim de tudo, teve a virtude de conseguir espalhar um pouco de bem que tão singularmente contrasta com a maldade da índole humana.

Esta festa, como dissemos, tinha o fim de angariar donativos para um caixa de Beneficência. A Alegria suave dava o braço à Caridade bem vestida. Bem hajam, pois.

De passagem pelo nosso país teve a gentileza de nos vir apresentar os seus cumprimentos o ilustre escritor e crítico espanhol sr. José Sanz y Diaz. O seu nome não é desconhecido dos nossos leitores, porquanto já no seu n.º 209 a *Ilustração* teve a honra de publicar um brilhante ensaio de Sanz y Diaz sobre o caricaturista português José, que no estrangeiro está alcançando notáveis êxitos. Sanz y Diaz regressa ao seu país com uma vasta bagagem de apontamentos e impressões sobre Portugal, que nos disse lamentar «não ter conhecido mais cedo» e do qual se ocupará em futuros trabalhos jornalísticos e literários.

O monumento ao Infante D. Henrique que vai ser erigido em Sagres

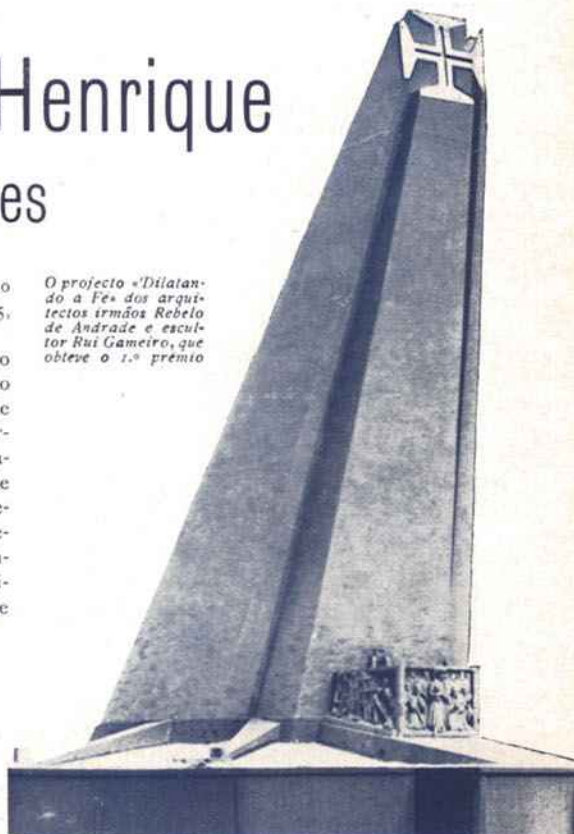
Após grande número de reuniões, o júri do concurso para o monumento a erguer em Sagres ao Infante D. Henrique fixou a sua decisão que se tornou pública por intermédio da seguinte nota oficiosa:

«Dos quatro projectos apresentados à segunda prova, sob as divisas: «Dilatando a Fé e o Império», «Mar», «Mare Nostrum» e «Sagres», foi pelo júri aprovado, em mérito absoluto por maioria de votos, apenas o primeiro — «Dilatando a Fé e o Império» — sob condição expressa de se verificar, pelos cálculos que têm de ser feitos por técnicos, que o referido projecto pode ser executado em condições de estabilidade, de re-

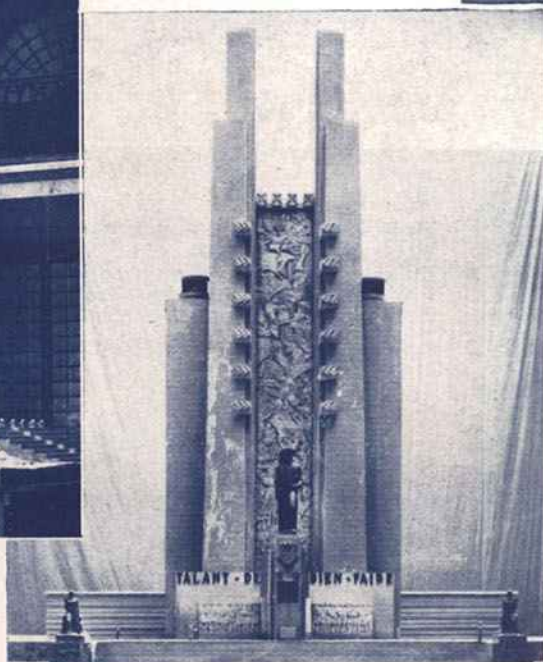
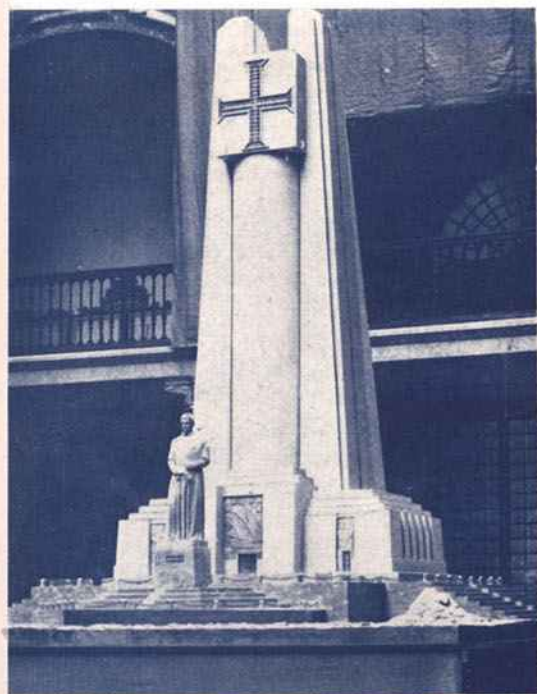
sistência e de duração, dentro da verba de 9.000 contos, autorizada pelo decreto-lei n.º 23.405, de 27 de Dezembro de 1933.

Em vista disso, o sr. presidente do Conselho determinou que se solicitasse do sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações que mande fazer os referidos cálculos, com a possível urgência, por intermédio do competente organismo do seu ministério e que se realize desde já a exposição ao público dos trabalhos apresentados pelos candidatos na primeira e na segunda provas, no local onde se encontram presentemente, por amável cedência da Câmara Municipal de Lisboa, o Pavilhão de Festas do Parque Eduardo VII.»

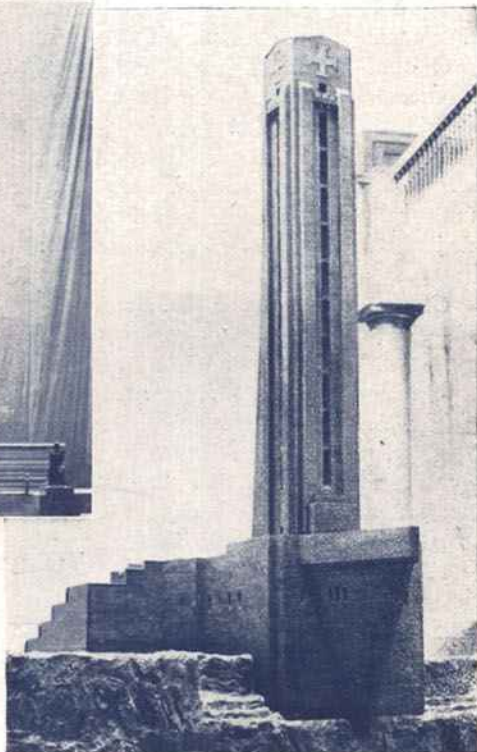
O projecto «Dilatando a Fé» dos architectos irmãos Rebelo de Andrade e escultor Rui Gameiro, que obteve o 1.º premio



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: — «Mare Nostrum» do architecto Veloso Reis Camelo e escultor Leopoldo de Almeida; «Mar» do architecto Pardal Monteiro e escultor Leopoldo de Almeida; «Sagres» do architecto Manuel de Lima Fernandes e escultor Fernandes de Sá (Pai)



altos relevos são admiráveis de técnica, de expressão e de carácter. Todos os outros trabalhos apresentados à se-



O monumento aprovado, além de ser uma notável peça architectónica, é, também, arrojadíssima obra de engenharia, que, a executar-se, ficará sendo a mais curiosa da Europa.

A concepção é feliz. A inclinação para o Sul tem sentido histórico e vinca um traço do carácter étnico — o impulso consciente e ao mesmo tempo aventureiro que nos atirou para o Mar dos Descobrimentos. A simplicidade impressionante das linhas e a enormidade da massa do monumento condizem, admiravelmente, com a rudeza e grandeza do meio onde vai ser erigido. Nos pormenores, aliás gigantescos, o trabalho impõe-se, também, pela obra primorosa de Rui Gameiro, cujos

A figura do Infante no projecto aprovado

gunda prova do concurso têm valor e interesse. Podemos mesmo salientar [que o visionário de Sagres teve uma consagração que não empalidece a sua obra grandiosa que «deu mundos novos ao mundo». O grande infante D. Henrique ergue-se em toda a altura da sua enorme fé e do seu grandioso patriotismo.



Buonaparte na escola de Brieenne, segundo o desenho de um seu condiscípulo

substituição da grande Sophie Arnould. Buonaparte, apesar dos seus catorze anos incompletos, sentia uma atracção enorme pela artista e pela mulher que tinha o dôbro da sua idade.

Gostaria de aproximar-se. Mas como conseguiu-se o seu orçamento mal lhe dava para comer uma vez por dia?

Sentiu-se poeta, e, não lhe sendo possível enviar joias nem mesmo flôres, enviou-lhe versos.

Cantava-se, certa noite, na Ópera, a "Dido," de Piccini. O jóvem Buonaparte conseguiu uma entrada (não sabemos à custa de quantos sacrificios) e endereçou os seguintes versos à prima-dona dos seus sonhos:

*Romains, qui vous vantez d'une illustre origine,
Voyez d'où dependait votre empire naissant:
Didon n'eût pas de charme assez puissant
Pour retarder la fuite où son amant s'obstine!
Mais si l'autre Didon, ornement de ses lieux,
Eût été la reine de Carthage,
Il eût pour la servir abandonné ses dieux,
Et votre beaux pays serait encore sauvage!*

Traduziremos assim:

*Romanos, que dizeis ser de origem flamante,
Vede do que depende esse império nascente:
Dido não teve encanto enérgico e potente
Para impedir a fuga ao seu ingrato amante!*

O general Paoli, caudilho côrso



General, nasci quando a Pátria morria. Trinta mil franceses, vomitados sobre as nossas costas, afogavam o trono da Liberdade em ondas de sangue: tal foi o espectáculo odioso que veio ferir os meus primeiros olhares. Os gritos do agonizante, os gemidos do oprimido, as lágrimas do desespero rodearam o meu berço desde o meu nascimento.

Vós deixastes a nossa Ilha e convôco desapareceu a esperança da felicidade; a escravidão foi o preço da nossa submissão. Esmagados sobre a triplice cadeia do soldado, do legista e do cobrador de impostos, os nossos compatriotas vêem-se ultrajados por aquêles que têm as forças da administração na mão. Não é esta a mais cruel das torturas que poderia experimentar quem tem sentimentos?

Nessa altura, surgia na Ópera a famosa cantora Antoinette de Saint-Huberty em

NAPOLEÃO - LITERATO

Fez versinhos às cantoras da Opera e teve a petulância de emendar as páginas imortais de Voltaire

*Mas se outra Dido, que é destes sítios a flôr,
A Cártaço impuzesse estreita vassalagem,
Ele, para a servir, deixara o pátrio amor,
E a vossa região seria ainda selvagem!*

Em boa verdade, se o pequeno Buonaparte fôsse tão bom general como poeta, não teria ganho as dezenas de batalhas que o immortalizaram!

Admirador de Horácio, tentou imitá-lo em idílios que, por mais voltas que lhes desse, não saíam da banalidade. E, assim, suspirava o fedelho de catorze anos:

*Je suis très las, et je voudrais
Un repos campêtré
A l'ombre des noirs forêts
Avec un vieux hêtre ...*

E por aqui íora, neste género, o poetastinho desabafava a sua fadiga, almejando um prado em que pudesse retoiçar uma paz virgiliana.

Tentou também a fábula, chegando a publicar alguns trabalhos mediocres. Citaremos o intitulado "O cão, o coelho e o caçador," por ser êste o que pretende ter um pouco de originalidade. O entretcho é o seguinte:

"Cesar," cão de fama, encontrando-se com o célebre coelho "Joanico," antes de lhe ferrar os dentes, pretende convencê-lo da sua generosidade. Dá-lhe então a escolher o género de morte que mais lhe agrade: ou sujeitar-se à sua dentuça afiada ou a um tiro de espingarda do caçador que nunca errou a pontaria.

O coelhito, embrenhando-se em cogitações horacianas, acabou por decidir-se pela fuga, e a ela se entregou com a máxima agilidade das suas patitas. Souo um tiro, e o cão, varado por êle, caiu morto. Se o entretcho desta fábula não foi muito feliz, os versos que a compunham não saíram melhores. Isto mesmo deveria ter sido conhecido pelo autor que não insistiu na sua invocação ás Musas. Outro tanto pudessem dizer muitos poetas de hoje!

Tentou outro género de literatura. Nos bancos do colégio, escreveu um conto oriental que intitulou "Le masque prophète," tentando imitar as alegorias

pseudo-orientais em que Voltaire, Crèbillon, filho, Voisenon e outros tinham sido pródigos.

Compôs uma tragédia sobre Sampiero Ornano, o patriota côrso que lutou contra os genoveses pela independência da sua ilha. Um drama escrito em 1803, "Comte de Essex," e uma novela perderam-se. Existem ainda a sua "Ceia de Beaucaire," e a "História da Córsega," que têm mais largo fôlego.

Outra novidade: Napoleão foi também um fogoso jornalista. Em 1799 colocou-se à frente do "Moniteur," e, não satisfeito com dar a inspiração dos artigos, escrevia-os êle mesmo. Tôda a famosa campanha contra o ministro inglês Pitt foi levada a cabo pela sua pênna.

A maior parte dos artigos do "Bulletin de Paris" contra a Inglaterra é também da sua autoria.

Não se limitava aos assuntos políticos: os artísticos mereciam-lhe também especial atenção. Na colecção do "Moniteur" podem ser admiradas as suas críticas aos trabalhos do pintor David que muito admirava. Retribuía assim os magníficos retratos que êste illustre artista lhe fez.

Não tolerava que os escritores tratassem de questões militares sem as conhecer a fundo.

Professava um verdadeiro ódio a Virgílio porque, em seu entender, tôda a parte guerreira da "Eneida," era falsa do princípio ao fim. Levava estas coisas tanto a peito que, sendo um entusiástico admirador de Voltaire, corrigiu o "Mahomet," de todos os êrros estratégicos, salientando que, nas edições futuras, a obra do immortal filósofo, deveria aparecer expurgada dêstes pequenos senões. Falta saber se Voltaire — a saber-se no outro mundo o que se faz neste — aceitaría as emendas do jovem côrso. Que a táctica guerreira de mr. Arouet não deveria ser muito perfeita, apesar da sua grande convivência com o famoso Frederico, não oferece dúvidas a quem quer que seja. Resta averiguar se as belas páginas do cantor da "Henriáda," sofreram os tratos de polé que as tropas do grande côrso tiveram

de suportar em Portugal, na Rússia e finalmente em Waterloo.

Devemos levar em conta, no entanto, que na sua expedição ao Egipto, Napoleão guardava na sua bagagem 132 volumes que ia lendo e anotando. Destes, figuram hoje 19 na Biblioteca de Marselha, destacando-se o primeiro volume dos "Ensaios de moral política," de Bacon, obra que Napoleão apreciava muito, pois continha pensamentos que o nortearam nas suas campanhas.

Fazia gala na sua erudição e não perdia a menor oportunidade para a fazer realçar, mesmo nos mais críticos momentos.

Após a derrota de Waterloo, dirigiu a famosa carta ao príncipe regente da Inglaterra:

Ilha de Aix, 14 de Julho, de 1815.

Alteza Real:

Alvejado pelas facções que dividem o meu país, e pela inimizade das potências da Europa, terminei a minha carreira política. Venho como Temistocles sentar-me no lar do povo britânico. Coloco-me sob a protecção das suas leis, que reclamo de Vossa Alteza Real, como do mais poderoso, do mais pertinaz e do mais generoso dos meus inimigos.

NAPOLEÃO.

O côrso vencido, entregando-se sob a protecção britânica, contava com um gesto de generosidade. Quando a bordo do "Bellérophon" lhe foi notificada a sua deportação para a ilha de Santa Helena, indigna-se e lavra o seguinte protesto junto do almirante Lord Kerth:

Protesto aqui solenemente, à face do céu e dos homens, contra a violência que me é feita, contra a violação dos meus mais sagrados direitos, dispondo, pela força da minha pessoa e da minha liberdade. Vim livremente para bordo do "Bellérophon." Não sou, portanto, um prisioneiro, mas um hóspede da Inglaterra. Vim mesmo por instigação do seu capitão que me disse ter ordens do seu governo para me receber e conduzir a In-



Saint-Huberty

glattera com a minha cômitiva, se isso me fôsse agradável. Apresentei-me de boa fé para vir colocar-me sob a protecção das leis de Inglaterra. Logo que pus o pé a bordo do "Bellérophon" fiquei na pátria do povo britânico. Se o Governô, dando ordens ao capitão Maitland para me receber assim como ao meu seqüito, quis apenas estender-me um laço, uma armadilha, desonra-se e desonra a sua bandeira. Se esta acção se consummasse seria em vão que os ingleses poderiam, no futuro, falar da sua lealdade, das suas leis e da sua liberdade: a fé britânica ficaria perdida na hospitalidade do "Bellérophon."

Apelo para a História: Ela dirá que um inimigo, que durante vinte anos fez a guerra ao povo inglês, veio livremente, no seu infortúnio, procurar um asilo sob as suas leis. Que maior prova poderia êle dar lhe da sua estima e da sua confiança? E como correspondeu a Inglaterra a uma tal magnanimidade? Fingiu estender uma mão hospitaleira a êsse inimigo, e, quando ête se lhe entregou de boa fé, imolou o!

Pergunta-se agora: O que teria sido de Buonaparte se continuasse a fazer versos ás cantoras da Ópera?

A literatura francesa teria lucrado mais um poeta mediocre, e o mundo teria perdido o mais formidável general dos últimos séculos.



Napoleão despedindo-se dos seus ao partir para a ilha de Elba

SEDENTIO de glória e de amor, Napoleão continuava a acolitar a Europa e a tecer madrigais a todas as mulheres bonitas que ia encontrando. Isso não o impedia de enviar notícias à sua querida Josefina que, só de longe a longe, lhe respondia.

Numa destas cartas, a crioula lamentava-se de estar tanto tempo separada do homem que tão ardentemente amava, e cujos beijos ternos e apaixonados lhe faziam mais falta do que a própria vida!

Napoleão respondia a estas lamentações nos seguintes termos:

«Ri quando me disseste que havias tomado um marido para estar sempre junto de ti. Pobre Josefina! Penso, na minha ignorância, que a mulher foi feita para o marido, e o marido para a Pátria, para a família e para a glória».

Depois, o côrso insaciável toma novos rumos, na esperança de conquistar o mundo, e formar o maior império de que Josefina deveria ser a única soberana.

A sorte bafejava-o, e as vitórias sucediam-se ininterruptamente. Julgando-se superior a Anibal e Alexandre Magno, o herói côrso acabaria por achar pequeno o glôbo terrestre para lançar os alicerces do seu trôno. Pois, apesar de todas as fadigas, não se esquece um só momento da sua Josefina. Os côrteses dilaceram-lhe o alma. Esperando encontrá-la em Milão, faz o possível e o impossível para ir junto dela, e sofre uma desilusão pungente.

Escreve-lhe, então, num acesso de desespero:

Milão, 7 frimário (novembro) 3 horas da tarde.

Cheguei a Milão, precipitei-me nos teus aposentos, deixei tudo para vêr-te e estreitar-te nos meus braços... e não te encontrei!

Percorres cidades em busca de festas, e afastas-te de mim quando chego. Já não te preocupas com o teu querido Napoleão. Amaste-o por um capricho, e a inconstância torna-te indiferente.

Acostumado aos perigos, conheço o remédio para as contrariedades da vida. Mas a desgraça que me fere é incalculável. Não tenho sequer o direito de a revelar.

Estarei aqui até o dia 9. Não te preocupes, nem renuncies aos teus prazeres. A felicidade foi feita para ti. O mundo inteiro será muito feliz se conseguir agradar-te, e o teu marido, sózinho, continuará bem — bem desgraçado.

Recebi o correio que Berthier expidiu de Génova. Compreendo que não tivesses tempo para me escrever. Rodeada de prazeres e atractivos, não valeria a pena fazer por mim o mais leve sacrificio.

A minha intenção não é prejudicar os teus calculos, nem afastar-te dos prazeres que te são oferecidos. Não valho a pena. A felicidade ou a desgraça dum homem que tu não amas não tem o direito de interessar-te.

Amar-te, tornar-te feliz e nada fazer que possa contrariar-te — eis o destino e o fim da minha vida.

Quando exijo de ti um amor semelhante ao meu, não tenho razão: como conseguir que a renda pese tanto como o oiro? Quando te sacrificio todos os meus desejos, todos os meus pensamentos, todos os instantes da minha vida, obedeço ao ascendente que os teus encantos, o teu character, toda a tua pessoa soube-

O general Buonaparte em casa de Josefina Brachmann — quadro de Eugène A. Guillon

VINGANÇA E CRIOULA

DOIS DIAS ANTES DE MORRER JOSEFINA CRIU DE IRONIAS

o seu ex-marido Napoleão esterrado na ilha de Elba

ram exercer sobre o meu desgraçado côrso. É preciso esperar ainda alguns dias. Tudo dependerá dos acontecimentos e das circunstâncias.

Tive pouca sorte porque a natureza não me concedeu atractivos para te cativar, mas, ao menos, mereço da parte de Josefina, de te amar-te dentro de poucos dias. Por isso, é

Adeus, mulher adorável; adeus, minha Josefina!

Quando verificar que não me podes amar, encerrar-me-ei na minha profunda dôr, e de contentar-me em ser-te útil e bom no que puder.

Volto a abrir esta carta para te dar mais um beijo... Ah! Josefina!... Josefina!...

Pouco depois, volta a ternura nestas linhas

Minha boa amiga,

Recebi a tua carta de 27 de Novembro e pela ela verifico que a tua cabecinha está impaciente.

Lembrei-me então deste verso:

Desejo de mulher é um fogo que devora.

E' preciso que te acalmes. Mandei dizer que me encontrava na Polónia e que logo se abrandassem os rigores do inverno, tu poderias



Napoleão em Santa Helena (cópia do general Gourgaud)

necessário que os acontecimentos se acalmem. O calor da tua carta fez-me vêr os vós, as mulheres bonitas, não conheci as mulheres. O que vós desejais é que deve ser. Declaro-me o mais escravo dos homens: o meu senhor não tem enchanças. Este senhor é a natureza das Coisas.

Adeus, minha amiga. A pessoa de quem te fazes falar e madame L... de quem toda a gente diz mal: asseguram-me que é mais prudente que francesa. Não acredito. No que eu acredito absolutamente é que ela não passa duma mulher que só sabe dizer asneiras.

NAP.

Mas, voltando à ciumeira, o grande cabo de guerra não atina com a defeza a estabelecer perante as acusações de que é alvo por parte da Prússia. Os seus argumentos fraquejam. Escreve-me:

10 de Maio de 1807.

Recebi a tua carta, e francamente não sei que queres dizer-me acerca das damas em correspondência comigo. Eu gosto apenas da

minha Josefinasinha, boa, bondosa e caprichosa que sabe fazer queixa com graça, como tudo o que faz, e que é sempre amável, a não ser quando arma em ciumenta. Nessa altura torna-se um diabo.

Mas voltando às tais damas. Se eu me occupasse de algumas delas, desejaria que fossem lindos botões de rosa. Essas de que me falas, estarão nesse caso?

Desejo que não jantes nunca com pessoas que não tenham jantado comigo e que a tua ementa seja a mesma para os que te rodam; que não recebas nunca na Malmaison, na tua intimidade, embaixadores e estrangeiros. Se assim não procederes, desagrada-me-ds.

Emfim não te deixes rodear muito por pessoas que não conheço e que não iriam a tua casa se eu lá estivesse.

Adeus, minha amiga. Teu sempre.

NAP.

É vaidoso. Não sabe guardar as conveniências. A gentileza que a rainha da Prússia lhe dispensa, leva-o a sonhar coisas espantosas.

Julga-se o homem querido de todas as mulheres quando escreve à sua Josefina:

A rainha da Prússia é realmente encantadora. Metete comigo em ar de coquetaria. Mas não sejas ciumenta. Eu sou uma tela enegerada sobre a qual tudo se escorrega e cai. Além disso, custar-me-ia muito caro fazer de gala.

Não satisfeito ainda, reforça a sua vaidadesinha com estas afirmações:

Minha amiga, a rainha da Prússia jantou ontem comigo.

Tive de defender-me do que ela queria e que consistia em levar-me a fazer ainda algumas concessões ao seu marido. Fui galante, mas sempre dentro da minha política.

A rainha é muito amável. Dar-te-ei pormenores que, neste momento, não poderia fazer sem ser muito longo.

Quando leres esta carta estará concluída a paz com a Prússia e com a Rússia, e Jerónimo reconhecido rei da Westfália com três milhões de habitantes. Estas notícias são só para ti.

Adeus, minha amiga. Amo-te e quero saber-te contente e alegre.

NAP.



A imperatriz Joséphine (quadro de Gros)

Nisto dá-se a derrocada de todo este idílio. Napoleão divorcia-se da sua querida Josefina, embora continuando a jurar-lhe amor eterno. A crioula recebe a punhalada com a maior coragem. Finge humilhar-se e resignar-se para melhor salvaguardar os seus interesses. Ah! mas quanto fel lhe vai na alma! Escreve de Navarra, em 19 de abril de 1810, ao seu ex-marido e soberano:

Sire,

Recebi pelo meu filho a certeza de que Vossa Magestade consente no meu regresso à Malmaison, e que me serão concedidos os adiantamentos necessários para tornar habitável o castelo de Navarra.

Este duplo favor, Sire, dissipa em parte as inquietações e até os receios que o longo silencio de Vossa Magestade me tinha causado. Tinha medo de ser inteiramente banida da vossa lembrança. Vejo que não o fui e sinto-me hoje menos desgraçada, e até feliz tanto quanto, apesar de tudo, me é possível ser.

No fim do mês irei à Malmaison, visto Vossa Magestade não vêr nisso inconveniente.

Devo também dizer-vos, Sire, que não me teria aproveitado tão cedo da liberdade que Vossa Magestade me concede, neste ponto, se a casa de Navarra não exigisse, a bem da minha saúde e das pessoas que me rodeiam, reparações urgentes.

Tenciono demorar-me pouco tempo na Malmaison.

Pode Vossa Magestade ficar na certeza de que viverei ali como se estivesse a mil léguas de Paris. Fiz um grande sacrificio, Sire, e, a cada dia que passa, avalio a sua extensão. No entanto, este sacrificio será o que deve ser da minha parte. Vossa Ma-

estade não será perturbado na sua felicidade por qualquer expansão das minhas máguas.

Os votos que faço sem cessar são para que Vossa Majestade seja feliz; gostaria também de tornar a ver-vos, mas desde que Vossa Majestade estivesse convencido de que eu respeitarei sempre a sua nova situação. Respeitá-lo-ei em silêncio, confiante nos sentimentos que em tempos me manifestou. Não provocarei nenhuma nova prova, e esperarei tudo da vossa justiça e do vosso coração.

Limite-me a pedir que vos digneis procurar um meio de convencer alguns amigos, a mim mesma e aqueles que me rodeiam, de que tenho sempre um pequeno lugar na vossa estima e na vossa amizade.

Isso poderia adoçar um pouco as minhas penas, e não comprometeria, a meu ver, o que importa antes de tudo: a felicidade de Vossa Majestade.

JOSEFINA.

Entretanto, Maria Luiza, lá dos confins do seu retiro de Bade, começa a pressentir o perigo que a ameaça no seguinte desabafo que envia a uma amiga:

Bade, Janeiro de 1810.

Aqui, como em Viena, fala-se muito do divórcio de Napoleão. Por minha parte, não me inquieto grande coisa, mas lamento a desgraçada princesa que se tornará vítima desta política.

Fala-se da filha do príncipe Maximiliano de Saxe, e cita-se também a princesa de Parma.

Em todo o caso, felicito-me por não ser eu.

MARIA LUIZA.

Napoleão vai estendendo a rede onde possa pescar uma princesa para esposa. Não deixa por isso de escrever a Jo-

sefina as mais apaixonadas cartas. Esta finge aceitar este affecto, pois não quer perder o seu bem-estar. E daí responde-lhe:

A imperatriz Josefina (quadro de Gérard)



Navarra, 25 de Abril de 1810.

Mil e mil ternos agradecimentos por não ter sido esquecida por ti. O meu filho acaba de me enviar a tua carta.

Com que ardor a li e quantas vezes a reli! Cada palavra fazia-me verter lágrimas, mas que doces lágrimas! Esta leitura reanimou no meu coração os mais ternos sentimentos que só se extinguirão com a minha vida.

Aproximava-se o fim. Napoleão fôra desterrado para a ilha de Elba, e Josefina agonizava na sua linda vivenda de Malmaison. Dois dias antes de morrer, teve ainda forças para escrever a seguinte carta ao côrso ingrato:

Malmaison, 27 de Maio de 1814.

E' esta a última vez que a vossa Josefina comunica convôscos. Quando receberdes esta carta, já terei deixado de existir.

Atingida por uma doença mortal há dois dias, reúno as poucas forças que me restam para ter esta derradeira consolação.

Não quero falar-vos do passado, nem vos colocarei sob os olhos factos que são do domínio da posteridade e da história.

Respeito tanto os vossos remorsos e as vossas máguas como as vossas desgraças. Mas, se quando era vossa

esposa, tinha o direito de vos dizer a verdade, julgo, agora, que me encontro agonizante, poder dar-vos conselhos na situação extraordinária em que vos encontrais.

Reconhecereis, neste momento, a minha antiga e terna dedicação pela vossa pessoa, e agradar-vos-á ainda ouvir a voz daquela que vos amava, mesmo quando não era nada já para vós.

Ainda há pouco dominador da Europa, encontrais-vos hoje quasi só e relegado numa ilha vizinha daquela em que nasceste e dessa Itália conquistada pelas vossas armas. Um tal asilo é exiguo de mais para aquele que não encontrava o Império francês suficientemente vasto para a sua majestade; um tal isolamento está em franca opposição com a côrte brilhante que vos rodeou. Sem dúvida, quando collocastes o pé nessa ilha, grande foi a vossa emoção em face do contraste. Tivestes necessidade de apelar para toda a vossa coragem para resistir ao acabrunhamento que isso vos deveria causar.

Transformado, agora, em simples particular, deveis reflectir em todos os acontecimentos da vossa vida, e ter em conta que pode ser talvez um bem para vós o meditar friamente sobre os acontecimentos passados.

Atingistes o apogeu da glória, mas uma tão alta elevação foi talvez a causa da vossa queda dolorosa.

Vou morrer, meu amigo. Conservai de mim uma terna recordação.

Adeus, adeus... As forças abandonam-me; no entanto, môrro resignada.

JOSEFINA.

A crioula vingava-se do côrso — e vingava-se bem cruelmente!

A morte de Napoleão em Longwood

Gomes Monteiro.



A MULHER DE D'ANNUNZIO

É interessante conhecer a influência da mulher na vida dos grandes homens e Gabriel D'Annunzio é um grande homem, é um gênio, digam o que quiserem dizer, os seus detratores e quanto maior é o talento mais numerosos eles são.

Os seus romances duma elegância inigualável, dum estilo perfeito e duma grande originalidade, tornaram-no conhecido de todo o mundo, mas D'Annunzio não é só romancista e dramaturgo, tão bom dramaturgo que na sua "Figlia di Torio," faz-nos viver completamente a vida dos pastores Abruzzos, êsses montes que o viram nascer, essas margens do Adriático em Pescara, pequena cidade marítima que lhe impregnou a alma de amor pelo mar, e de ternura profunda pela sua terra natal, que êle tão apaixonadamente descreve no "Trionfo della Morte."

Êle é sobretudo poeta, duma poesia genial, sublime, patriótica. As suas "Laudi della terra, del mare e degli eroe," é qualquer coisa de superior que só um gênio podia sentir e produzir. As suas poesias de "La Chimera," e do "Intermezzo," são das que ficam na literatura mundial.

Mas êste homem que tanto sente tem no amor e para com a mulher uma alma sêca, dura, uma alma de conquistador brutal e sem sentimentalidade.

Para com sua mãe tem as mais lindas palavras, escreveu-lhe as mais belas coisas, que um filho tem escrito a sua mãe, sentiu a sua morte com um violento desgosto, mas deu-lhe tôdas as tristezas do abandono.

Filho duma modesta família de navegadores provincianos, tinha todos os instintos da alta vida, a paixão da nobreza, a ambição da riqueza, não por ela, porque é um dos homens que mais dinheiro tem gasto, mas sim, pelo que ela pode dar de belo, de artístico à vida humana. Sentia-se talvez desenraizado nessa casa provinciana, entre essa família de grandes qualidades morais, sobretudo sua mãe e suas irmãs, mas de gostos simples e modestos, como tôda a vida que fizeram, depois de ter vivido essa vida de luxo, de dissipação, de ter sido o menino bonito de tôdas as mulheres belas da Cidade Eterna, essa cidade que mais do que nenhuma outra se pode chamar a cidade do amor.

Com todas as mulheres que o amaram soube ser antes da conquista, felinamente sedutor, para ser depois autoritariamente brutal e quasi desumano, como o foi no seu livro "Il Fuoco," em que descreve sem pudor a sua ligação com uma grande trágica, a Duse, que o amou tão sinceramente e a êle de tal maneira se dedicara, que ao saber do livro que a feria no seu pudor e no seu orgulho de mulher disse: "Perdoe-me e sinto-me feliz no meio da

minha dôr, de lhe ter dado ocasião de enriquecer a literatura escrevendo coisas tão belas."

Mas quem sabe se D'Annunzio não teria sido diferente se tivesse sido feliz com sua mulher.

Porque D'Annunzio era casado. Em Roma na época dos seus triunfos literários e amorosos, conheceu uma linda menina, jovem como êle, aristocrata, filha dos duques de Gallese, que apaixonada pelo homem superior não hesitou em deixar o seu título pelo nome simples de "Signora D'Annunzio."

Simples nos livros de heráldica, nesse fechado livro da "Nobiltà Italiana," mas da mais soberba aristocracia, a do talento, do valor pessoal, do gênio.

Essa linda mulher que António de La Gandara pintou tão maravilhosamente, e, de quem reproduzimos o retrato, não teria talvez uma dessas belezas clássicas, mas tinha a maior distinção e uma elegância de linhas que a tornavam notada em tôda a parte.

O poeta não resistiu a êsse encanto e quem sabe se não exerceu influência no seu espírito, a qualidade de ser nobre e esbelta rapariga que o encantara.

Usou dos sortilégios do talento e da sua magia, que o fazia agradar sempre que queria e casaram.

Casamento infelicíssimo, que durou bem pouco tempo, dois caracteres fortes que se não entendiam, uma mulher que não queria ser vítima e abandonada pelos inumeros caprichos do poeta, insaciável de amor e de novidade.

Separaram-se e Maria D'Annunzio foi viver para Paris e manteve sempre na Cidade da Elegância a sua linha de mulher "chic," e distinta.

Quem sabe se a crueldade do poeta nos seus amores não lhe proveio da sua falhada história conjugal, e se não quis vingar nas outras mulheres, a sua derrota junto da sua, que se não humilhou ao seu amor, que êle no seu orgulho quasi satânico, julgava um dom único, o qual merecia gratidão eterna.

O que teria sido Gabriel D'Annunzio se em vez duma mulher orgulhosa e indomável, êle tivesse tido uma doce companheira, que se tivesse deixado espelhar, e, se julgasse muito feliz de o adorar, e, dum canto da sua casa ver irradiar por um lado e por outro a alma caprichosa do poeta, só comparável à borboleta, uma dessas mulheres que sabem, e, podem viver numa adoração muda, sofrendo tudo, e, que muitas vezes acabam por vencer à força de dedicação?

Talvez muito diferente do que foi em tôda a sua vida, mas a Arte nada perdeu com essa vida, nem tão pouco a Pátria, porque quando da guerra o Artista soube ser herói e a-pesar-de tudo o que possam dizer, a verdade é que Gabriel D'An-



nunzio teve uma grande influência com os seus inflamados discursos, com a sua atitude, na resolução da Itália de entrar na guerra, e que talvez se êle não tivesse tido aquele arrôjo de com meia dúzia de rapazes corajosos e patriotas, ferido de guerra com a mais triste das feridas para um esteta, um apreciador da beleza e da harmonia, a perda de um olho, de se meter em Fiume, talvez que hoje essa cidade não fôsse italiana.

E a verdade é que a sua atitude, que houve quem quizesse ridicularizar, nesse mesquinho desejo, que ataca tantas vezes a triste humanidade de apequenar o que é grande, embora com isso se amesquinhe a si própria, foi a atitude dum herói e dum homem de valor. Aviador distinto, numa idade em que a-pesar-de tôda a mocidade em que a sua alma ardia, já a força não é a mesma, êle salientou-se pela sua ousadia como piloto.

D'Annunzio infeliz no casamento é sem dúvida um triunfador na vida, mas terá sido o genial poeta um homem feliz? Não o creio, mas a felicidade no lar nem sempre é a chama que alumia o gênio, e quando o consegue ser, como foi na vida do nosso grande Guerra Junqueiro, então é a perfeição completa.

Maria Gallese não quis ser a Egéria do poeta, não quis ser a mulher dedicação e êle fez sem ela a sua vida, semeando a desolação em muitos corações, quem sabe se para com o mal que fazia esquecer o que tinha na sua alma de triunfador.

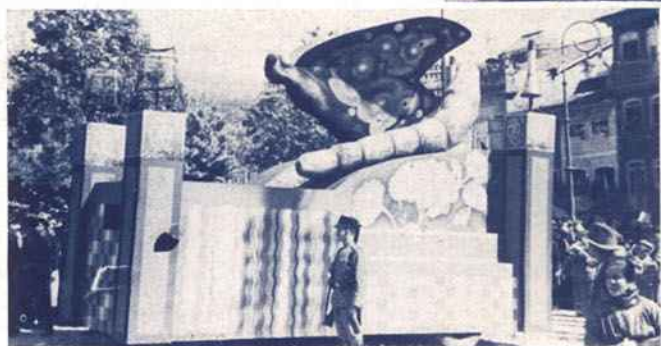
Maria de Eça.

AS FESTAS DO 1.º DE MAIO EM GUIMARÃES

À semelhança do que Braga fizera no ano passado, Guimarães comemorou o passado dia 1 de Maio com uma Festa do Trabalho Nacional que resultou um espectáculo brilhantíssimo de cor e animação. O acontecimento fez acorrer à vetusta cidade do Norte grande multidão de forasteiros, computada em mais de trinta mil pessoas. O Governo fez-se representar pelos srs. ministros do Interior e do Comércio.

O desfile do cortejo começou às 15 horas. À frente seguia a banda de música dos orfãos de S. Caetano, composta por rapazes de 12 a 16 anos, todos com fardamento à marinheira, branco. Vinha depois um estudante de capa e batina com a bandeira nacional e atrás as crianças das escolas primárias empunhando vários dísticos. Quasi todos os concelhos de distrito estavam representados no cortejo, pela sua bandeira e pela sua população escolar: Povoia do Lanhoso, Espozende, Vieira, Fafe, Cabeceiras de Basto, Celorico e Vila Verde. Fechava esta primeira parte do cortejo, dedicada ao trabalho intelectual, um carro alegórico, homenagem ao trabalho escolar, liceal e técnico.

O cortejo continuava depois consagrado ao Trabalho Industrial e Comercial. Sucediam-se os carros alegóricos, alguns ornamen-



tados a capricho e representando todos os ramos de actividade daquela laboriosa região.

A parte do cortejo dedicada à Agricultura não era menos pitoresca. Figuravam nela os típicos carros de bois puxados a dez e quinze juntas, com

os jugos caprichosamente entalhados. As gravuras que acompanham estas linhas mostram em cima o desfile das crianças e em baixo o carro alegórico da industria de Pevidem.

Com todos estes elementos e muitos outros que o pouco espaço de que dispomos não permite referir, o Cortejo do Trabalho Nacional em Guimarães constituiu um espectáculo cheio de beleza e movimento que deixou em quantos a ele assistiram as melhores recordações. É isto um legítimo motivo de orgulho para a antiga cidade do Norte.

O CEMITÉRIO PORTUGUÊS DE RICHEBOURG - L'AVOUÉ



Ernesto Augusto da Costa; Lantoine, consul de Portugal em Arras; Boulinguez «maire» de Richebourg-l'Avoué; padre Blondiaux; padre Tabary, de Richebourg-l'Avoué; Cassez, «maire» de Lacouture; o seminarista português Cruz, e Shirley Pereira, vice-consul de Portugal em Beulogne-sur-Mer.

Depois da missa, o sr. coronel Inácio Pimentel fez um pequeno discurso em que agradeceu a presença das autoridades estrangeiras. Teve palavras de louvor para os portugueses presentes que, embora longe da Pátria, mantêm vivo o culto das suas gloriosas tradições.

As nossas gravuras representam, em cima um aspecto da missa campal; em baixo, um trecho da assistência em que se vêem os srs. coronel, à sua direita o architecto Tertuliano Marques e Lantoine, consul em Arras, e à esquerda o seminarista português Cruz.



ENCONTRAM-SE concluídos os trabalhos de construção do cemitério de Richebourg l'Avoué, onde se encontram depositados os portugueses que perderam a vida lutando pela Pátria nos campos de batalha da Flandres. Para comemorar este facto rezou-se naquele cemitério uma missa campal. Foi celebrante o abade Tabary e serviu de altar o pedestal do próprio monumento erigido à memória dos nossos mortos. Assistiram

à cerimónia, entre muitas outras pessoas, os srs. coronel Inácio Pimentel, inspector das Obras e Propriedades Militares; Tertuliano Marques, architecto, autor do projecto; mestre de obras

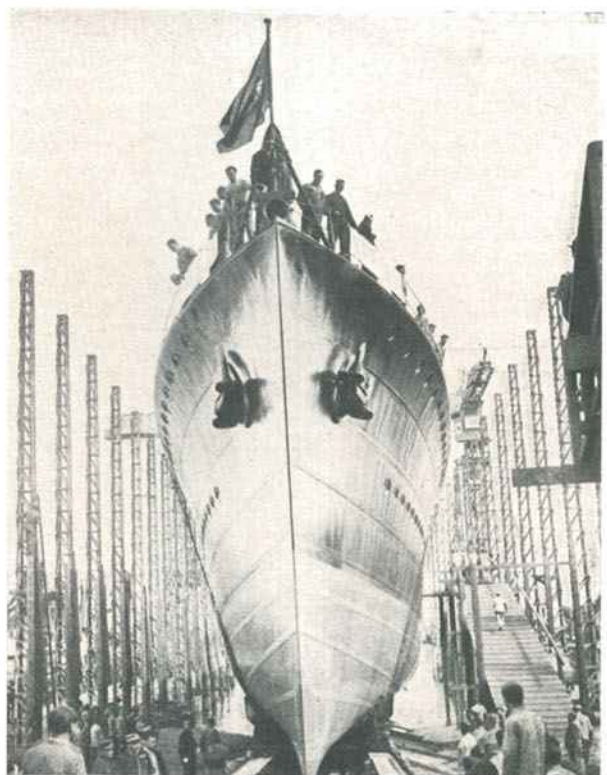
Contra-torpedeiro "Tejo"

A cerimónia do seu lançamento à água

REALIZOU-SE no dia 4 deste mês, com grande solenidade a cerimónia do lançamento à água dum novo barco que vai aumentar o efectivo da nossa Armada: o contra-torpedeiro «Tejo».

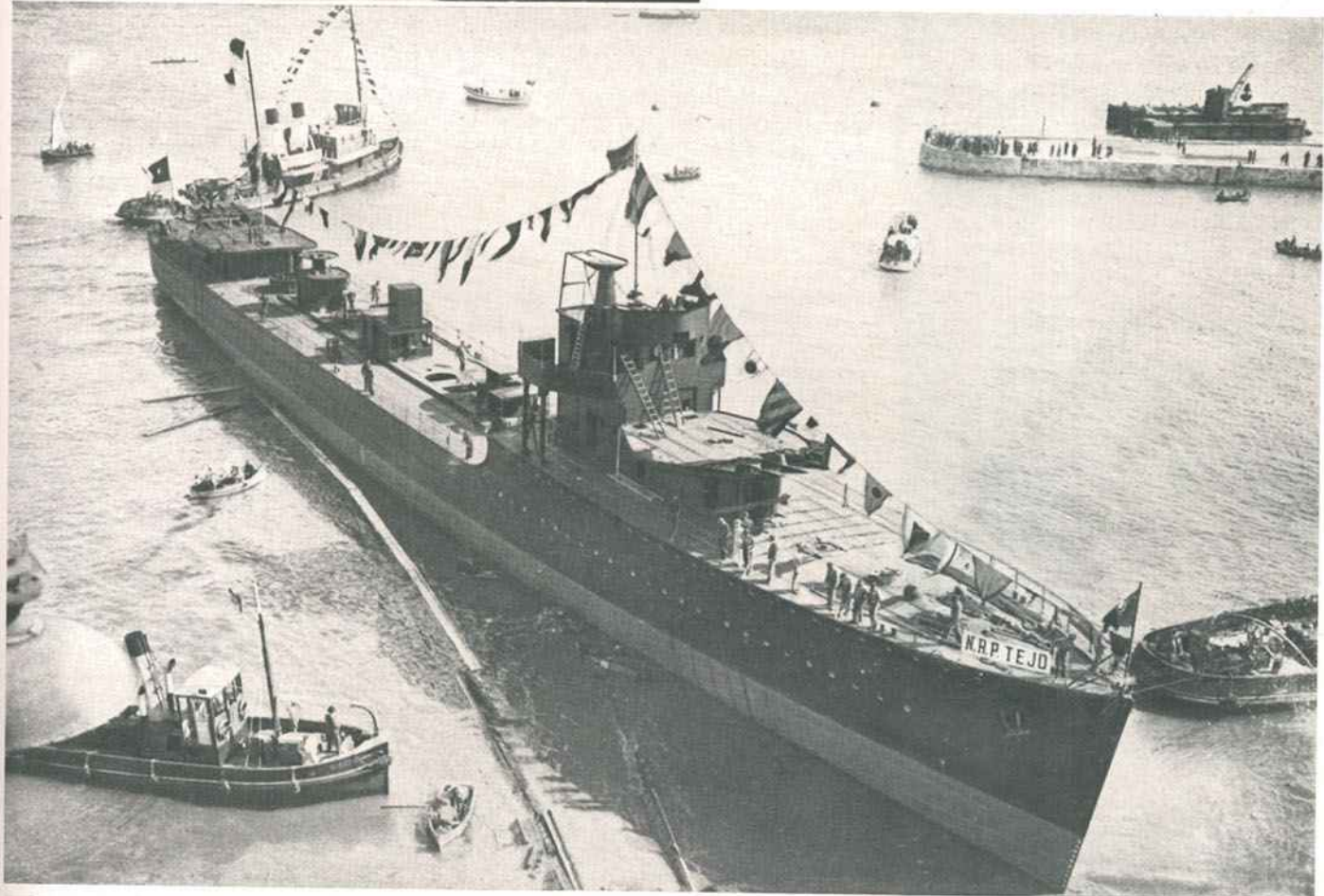
A cerimónia, que foi presidida pelo sr. Presidente do Conselho, assistiram além de muitas altas individualidades do Exército e da Marinha, os srs ministro da Justiça, Colónias, Obras Públicas, Comércio, Instrução e Agricultura e os subsecretários do Estado das Corporações, das Colónias e das Finanças.

A's 16,45 horas procedeu-se à cerimónia do baptismo tendo o Chefe do Governo feito quebrar uma garrafa de Vinho do Porto contra o casco do novo barco. Em breve o navio começou a deslizar e foi entre grandes aclamações



AO ALTO: O novo contra-torpedeiro des-cendo pela carreta. A' ESQUERDA: O Chefe do Governo na ce-rimonia do lançamen-to. EM BAIXO: O "Tejo" rebocado para a mu-ralha d' Santos

da assistência entrou nas águas do rio. O resurgimento da esquadra portuguesa marca com o lançamento de mais este barco o novo progresso, que serve também para demonstrar as possibilidades da indústria de construção naval no nosso país.





Nesta foto Carole Lombard manifesta mais do que nunca a sua tendência para seguir os passos de Marlene Dietrich

Anunciou-se que Elisabeth Bergner, a inesquecível intérprete de «Catarina da Rússia» começará dentro de poucos dias a filmagem duma grande produção inglesa sobre a donzela de Orleans, baseada na célebre peça «Santa Joana» de Bernard Shaw.

Os alemães, por seu lado, atacam o mesmo tema. Sob o patrocínio de Goering, foi confiado ao realizador Gustav Ucicky o encargo de produzir um filme esmerado sobre a vida prodigiosa da heroína francesa. O papel de Joana d'Arc foi nesta nova produção germânica, confiado à actriz Angela Salloker, cuja semelhança física com Gaby Morlay é frequentemente citada.

Marion Davies vai reaparecer no cinema, depois duma ausência prolongada. O seu filme chamar-se-á «Page Miss

Glory» e será posto em cena por Mervyn Le Roy. Os outros intérpretes já designados são William Powell, Frank Mac Hugh e Mary Astor

Da peça do dramaturgo austríaco Ernesto Vayda, intitulada «Fata Morgana», extraiu-se um argumento que vai ser filmado em Viena no próximo mês com o título de «Miragens».

Nas planícies arenosas da Europa Central o fenómeno das miragens é frequente e nesta obra tem ele lugar preponderante. Assim os cineastas vão tentar, pela primeira vez, filmar essas estranhas aparições, resultantes dos vapores levantados do terreno pela aridez do Sol. Existem fotografias comprovativas da realidade do fenómeno, mas até hoje nunca é foi fixado pelo cinema.

Escusado será dizer que se a sorte não favorecer os cineastas, estes longe de abandonarem o seu projecto recorrerão a um dos mil truques que a câmara de filmar lhes oferece para obterem o mesmo efeito.

Em cooperação com produtores norte-americanos, o actor inglês Noel Coward completou há pouco um filme cujo entrecho oferece certa novidade. Trata-se das aventuras dum jornalista boémio que morre num desastre de aviação. No momento de deixar a vida o protagonista ouve uma voz que lhe diz que ficará ainda um mês sobre a Terra

Victor Mac Luglen na sua última criação



VARIEDADES DO CINEMA

Dos filmes e dos artistas

até encontrar a pessoa que o amou suficientemente para chorar a sua perda.

Aparte Noel Coward, todos os colaboradores do filme são artistas desconhecidos de quem o grande actor britânico julga ter tirado surpreendentes resultados.

Agora que tanto se começa a falar nos filmes em cores, é interessante registar um sensacional aperfeiçoamento introduzido na técnica da cinematografia em claro-escuro.

Os operadores da «Fox» de Hollywood inventaram um processo para fazer variar os tons de determinadas partes da imagem. Num filme em preparação os actores e figurantes aparecerão vestidos de branco. Em certa altura os trajes tornarão a cor negra para voltarem depois a ser brancos. Para evitar que o rosto dos actores seja influenciado por esta modificação criou-se uma maquilagem especial.

Numa sala do jornal *L'Intransigeant* de Paris organizou-se no mês passado uma exposição consagrada a Maurice Chevalier. Ali se reuniram fotografias e outros documentos relativos à extraordinária carreira do popular artista, desde a sua estreia como excêntrico do *music-hall* até ao seu ingresso no cinema norte-americano.

O público parisiense fez a esta curiosa evocação do seu actor predilecto um belo acolhimento.

O cinema italiano continua em plena actividade, sob o impulso vigoroso do Duce, que consagra especial atenção à sétima arte. Para o ano

corrente anuncia-se uma bela série de produções à cabeça das quais cumpre destacar «Napoleão e as mulheres», um filme ambicioso em que a figura quasi lendária do famoso corso será apresentado fora dos moldes convencionais.

A «Warner Bros» parece querer desmentir tudo quanto se tem dito sobre a crise que o cinema atravessa. E o seu optimismo consiste em continuar a produzir filmes de grande espectáculo, cujo custo atinge somas fabulosas.

Com «Sonho dum noite de verão» que Max Reinhardt acaba de pôr em cena, gastou-se um milhão de dólares. «Azeite para as candieiras da China» custou quasi outro tanto. E agora está em preparação um filme interpretado por Robert Donat e Jean Moir, que está orçamentado em 750.000 dólares.

Vai extrair-se um filme do popular romance de Octave Feuillet, «A Vida dum Rapaz Pobre».

Greta Garbo vai interpretar novamente «Ana Karenina». Clarence Brown será o realizador, mas terá como conselheiro o grande artista Eric von Stroheim.

A «Universal» empreendeu há tempo a realização dum grande filme sobre a vida do célebre empresário Ziegfeld, e atribuiu o principal papel a William Powell. Por diversas razões, a produção foi suspensa e ficaria talvez para sempre abandonada se a «Metro» não tivesse resolvido adquirir o filme incompleto por 350.000 dólares, a fim de o terminar.

Mack Sennett, o pioneiro das farsas cinematográficas, está em Inglaterra e dispõe-se a produzir naquele país uma série de comédias curtas, no género das que fizeram a sua celebridade.

Anuncia-se que George O'Brien vai abandonar os papéis de *cow-boy* em que se celebrou. No seu próximo filme será um rude e enérgico contramestre de operários nas gigantescas obras de barragem do rio Colorado.

Emil Jannings, cuja colaboração no cinema diminuiu sensivelmente nos últimos tempos, acaba de assinar um contrato a longo prazo com duas firmas produtoras alemãs, a «Inter-Tobis» e a «N. D. L. S.». Segundo os termos estabelecidos, o grande actor fará dois filmes por ano e, como é natural, desempenhará neles o papel protagonista.

O jornal «De Telegraaf», de Amsterdão, publica as seguintes curiosas informações sobre o desenvolvimento da indústria cinematográfica na Holanda: «A semelhança de tantos outros países, os Países-Baixos terão em breve o seu cinema nacional. Estão a construir-se estúdios em

Haja, onde se espera realizar 25 a 30 filmes por ano. Cada filme não custará mais de 80.000 florins por ano e poderá ser amortizado pelo mercado interno. O material será fornecido por firmas alemãs.

René Clair deve começar no mês corrente, em Londres, a dirigir Charles Laughton no seu novo filme «Sir Charles goes West».

Adolfo Menjou, que sofre de uma úlcera no estômago, foi obrigado pelos seus padecimentos a interromper o trabalho no estúdio. Encontra-se actualmente num sanatório.

A desmentir o boato de que o realizador Carl Dreyer ia abandonar o cinema, foi dada a público a notícia de que vai dirigir brevemente em Viena um filme em que terão papéis dois grandes artistas alemães: Emil Jannings e Werner Krauss. A confirmação do facto seria promessa dum obra sensacional.

Alexandre Korda prosseguindo a sua notável acção de animador do cinema britânico, anuncia para muito breve a filmagem de «Cyrano de Bergerac», que será interpretado pelo grande actor Charles Laughton.

A «Fox» adquiriu os direitos de adaptação cinematográfica das memórias de Cornelius Vanderbilt Júnior, filho do conhecido milionário nor-



Um belo grupo com Anne Shirley e Tom Brown

te-americano, em que se revelam aspectos ignorados da vida da alta sociedade daquele país.

«O Mensageiro», peça de Bernstein, vai ser filmado por uma companhia francesa, com Gaby Morlay no principal papel. Indica-se Marcel L'Herbier como o provável realizador.

A vida romântica de alguns grandes músicos continua a fornecer assunto aos realizadores de cinema. Em Budapeste prepara-se um filme sobre um episódio da vida de Franz Liszt, baseado num romance de Heinz Hille. A encenação foi confiada ao autor da obra.



A poltrona das comédias Hal Rosch tem sofrido modificações mas não perdeu ainda o seu carácter

É raro que durante a sua existência alguém siga exactamente a rota traçada pelo seu ideal e pela tendência natural do seu espírito.

Não há forças que possam suster-nos, quando o destino faz uma manobra errada, e se engana na "agulha", ao dar-nos via livre no nosso deambular pela vida.

Nós sonhámos com outra estrada mais cheia de sol, menos pejada de obstáculos, com horizontes mais límpidos, mais tranqüilos e, quando vamos a meter por ela, contentes por seguirmos de acôrdo com a nossa consciência, antegozando a satisfação

das "étapes" ganhas, vem o agulheiro da sorte e indica-nos um caminho diferente daquele que sempre em nossa mente se estabelecera sem cuidar que viria a ser para nós, direcção proibida.

E por lá andamos muito tempo, por essas paragens para onde nos atiraram pela violência de quem pode e manda, procurando adaptar-nos a meios tão contrários às nossas aspirações e tão fora do nosso feito.

Acontece que as aptidões naturais ajudando se consigam êxitos que, embora convindo a um fundo de vaidade que há em todos nós, não chegam a satisfazer a nossa ânsia anterior, nem conseguem acalmá-la ao menos.

Muita gente pensa que nascemos para aquilo mesmo que o triunfo vem coroar, e não sabe que longe da turba, a sós no remanso de nossos pensares, nos sentimos infelizes, dessa infelicidade torturante de não saber o que nos falta, faltando-nos tanta coisa.

É que a idea primária do nosso cérebro, quando despertou para a vida dêsse meio-dormir da infância, não se foi de nós, continua trabalhando, para romper a camada dos nossos cuidados que a vida lhe vai pondo em cima, procurando asfixiá-la, acabar com ela de vez.

A libertação do ideal faz-se, às vezes, rapidamente, por uma sacudidela brusca da nossa vontade, outras, é pouco a pouco que êle vai estalando as suas cadeias, ao passo que nossos olhos — os olhos da alma — se vão apercebendo como tudo na terra é inconsistente e vão.

Todos os sentimentos de nobreza e de generosidade latentes em nosso peito se revoltam, dia a dia, ao ver como as amizades falham, como a lisonja é vil, e como todos os prazeres são salpicados de lama.

E o coração reage, esbraceja, luta, e,

sangrando embora, atira para longe tôda essa mentira que se chama "gozar a vida", e limpa-se, banha-se na água purificadora do arrependimento, e encontra, por fim, o caminho que lhe convém e que lhe foi vedado, por engano.

Foi o caso de Jennie Luxeuil, que é o caso de muita gente, talvez teu, leitora, talvez meu até, que me sugeriu estas reflexões que me esfarraparam um bocadi-

DIRECÇÃO ERRADA

nho mais a alma. Jennie, de consciência recta, bondosa, leal e sincera, foi arrastada para o palco, e depois para o "écran", por uma distracção da sorte.

Procurou aclimatar-se ao "meio", dançou, cantou, divertiu-se, mas o seu rir era falso, não soava bem, era uma gargalhada artificial com escalas marcadas de antemão. O mal nunca encontrou guarida em seu sentir e nem mesmo o compreendia, nem aceitava.

Se de maldades lhe falavam, ela duvidava sempre e parecia-lhe que se tratava de qualquer coisa fenomenal.

A par de sentimentos de pureza e religiosidade, que a vida que levou num período forçado não conseguiu enfraquecer, Jennie fôra marcada pela natureza por uma pasmosa semelhança com Santa Tereza do Menino Jesus, a ponto de ser solicitada para deixar-se fotografar com o manto da santa.

Ela orgulhava-se desta distincção de ser na terra a sósia de um espírito divino e fazia tudo por merecê-la:

E, tanta influência teve no seu espírito êste facto, que conseguiu soltar o seu ideal dos laços que o prendiam aos gosos terrenos, porque Jennie de pequenina tinha tendências religiosas que a vida contrariou.

Um dia, farta de lidar com a humanidade sem entendê-la, cansada de guerrear contra o mal estabelecido, ferida pela injustiça mestra da inveja e da malquerença, a actriz querida — ou cubiçada? — largou os ourepeis refulgentes do palco, vestiu o hábito da santa que lhe emprestara as feições, e trocou as luzes incandescentes dos "sun-lights" pela penumbra da cela dum convento, sem uma leve hesitação, sem uma saúde pelas glórias alcançadas por seus dotes mundanos.

Feliz de quem pode afinal encontrar o seu caminho, mesmo deixando nos sil-

vedos pedaços de alma a gotejar desilusões.

Desgraçado de quem tem de seguir sempre a "agulha", errada do destino, só com a esperança de que êle condoído de tanto penar lhe dê a via livre para outro mundo melhor, onde o sono não tem pesadelos e onde o despertar não chega acompanhado pela dor, e incerteza do dia de amanhã.

Quantos mundos dentro de nós — mundos de sonhos, de ilusões, que a nossa fantasia engendra.

Às vezes o vento da desgraça passa e reduz tudo a um montão de ruínas. E, daí a pouco, novos mundos surgem, por encanto.

Sublime poder da nossa alma insaciável de fazer a dor.

É muito fácil seguir na vida por caminho direito.

É só não fazer nunca aos outros o que não quereríamos que nos fizessem.

A caridade só tem valor, quando se faz por prazer da nossa alma e não para lisongear a nossa vaidade. Há quem dê muito para que conste, e só quando consta, e êsses são incapazes de socorrer às ocultas.

A esmola que custa a dar, porque faz falta a quem a dá, vale mais do que a nota do banco saída duma carteira bem recheada.

Aquele que diz: «manda sempre» sempre foge, se pensa que lhe vão pedir — quanto mais mandar...

Tive um lindo sonho, um lindo dia. Enterrei-o, vinte e quatro horas depois de nascido. O tempo para arrefecer o seu cadáver.

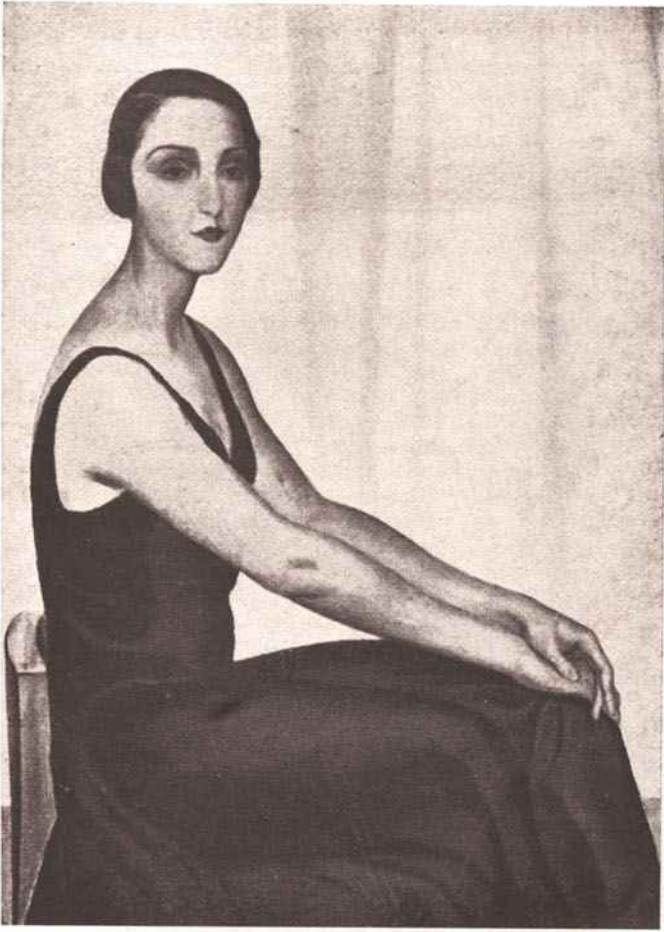
Era tão pequenino... ocupava no mundo tão pouco espaço e nem assim mo deixaram!

Foi num dia 13, dia asiago para mim. Dois mortos nessa data — um, filho das minhas entranhas, outro, filho da minha louca fantasia.

Penso às vezes em fugir para longe dos homens, embrenhar-me no mato onde não visse ninguém; mas de que valia se eu ia comigo? Libertarmo-nos de nós próprios — que ideal.

Mercedes Blasco.

O sol de Portugal interpretado por UM PINTOR ROMENO

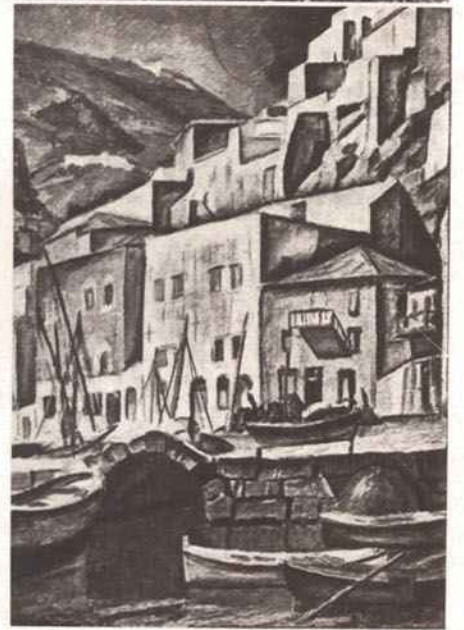
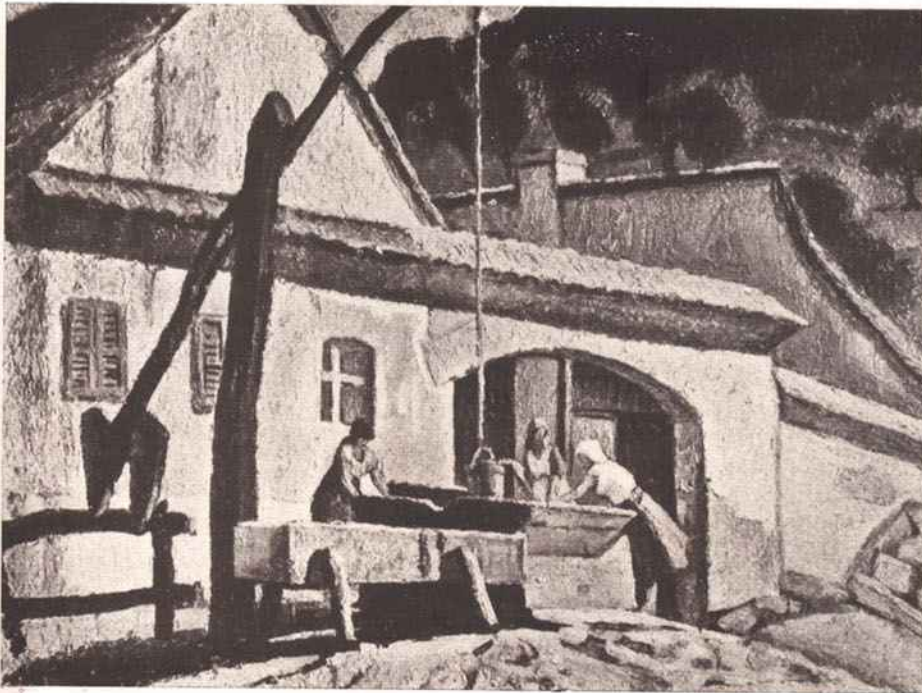
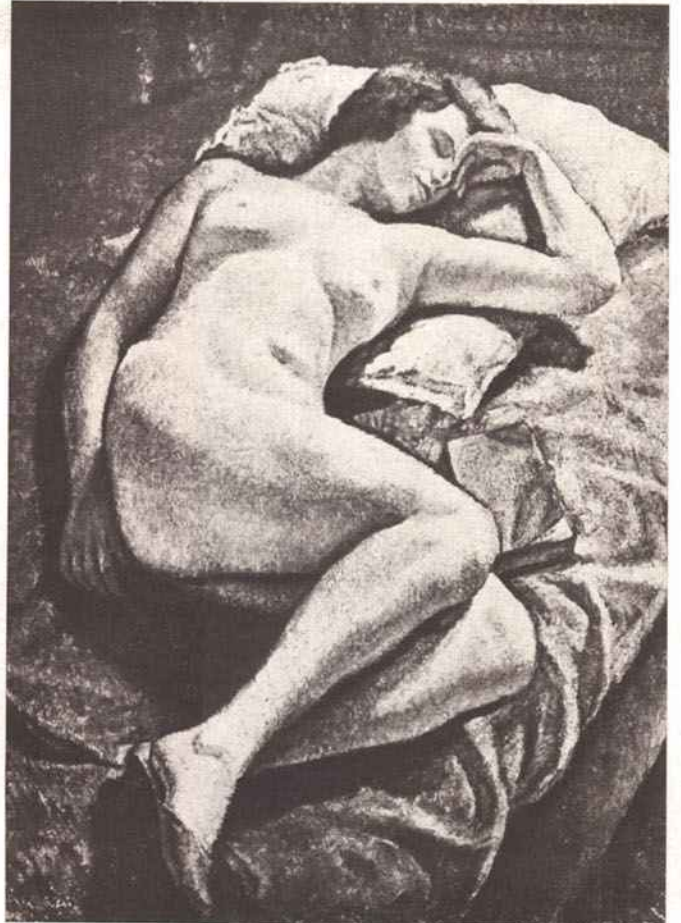


O público de Lisboa vai ter ocasião de conhecer dentro de poucos dias o pintor romeno Paul Scotesco, que sob o patrocínio da Legação da Roménia vai expor na Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, alguns quadros feitos no nosso país.

Scotesco, admirável temperamento de artista moderno, é muito conhecido nos meios artísticos de Paris e de quasi tôdas as capitais europeias, onde tem apresentado os seus trabalhos e recebido unânimes louvores da crítica. A sua última

exposição realizou-se em Bruxelas, no Palácio das Belas Artes, e constituiu um brilhante êxito.

Os criticos parisienses consideram Scotesco «o pintor do Sol». Depois de ter trabalhado e exposto em países de céu límpido e sol radioso, como a Grécia, a Itália e o Egipto, estava, portanto, indicado que visitasse o nosso país e procurasse interpretar a sua atmosfera



tão particular e subtil. Assim fez. E do que realizou poderemos ajuizar na sua próxima exposição, cuja «vernissage» se efectuará no sábado, 18, das 15 às 19 horas.

A exposição estará patente ao público de 18 a 28 do mês corrente.

Os quadros que reproduzimos nesta página, escolhidos entre os mais conhecidos de Scotesco, permitirão formar uma ideia, embora descolorida, dos méritos do pintor.



cos, que pouco custam. E mesmo assim é muito discutível a vantagem da criação e educação dos filhos longe da mãe e da casa, porque muito contribui, para a desagregação da família.

Entre nós que nada há ainda dessas facilidades de vida, a mulher que sai de sua casa para trabalhar, ou gasta o que ganha com as mercenárias contratadas, ou tem os filhos ao Deus dará, a casa num desmazelo e terá de se esfaltar a fazer a cozinha.

Por outro lado, a vida cára, as necessidades de bem estar que cada vez mais se fazem sentir, obrigam muitas vezes a mulher a aproveitar as suas habilitações e a ajudar o marido ganhando.

Um casal sem filhos, ainda pode dar resultado, mas onde o haja é uma desgraça e nada aproveita o bem estar de todos com esse sacrifício da mulher, porque o trabalho fora de casa deveria ser sempre um sacrifício para a mulher que nasceu para estar em casa, para a governar, alindar e tratar, e, para criar os seus filhos educá-los e dirigí-los na primeira infância, época em que os cuidados duma mãe são indispensáveis.

Mas há uma solução que entre nós tem sido muito descuidada: a indústria caseira. Todo o trabalho que possa ser feito em casa já traz em si a vantagem, da mulher poder tratar das suas coisas vigiando a casa e os filhos.

A sericultura, que tem feito a fortuna de muitas famílias no Delfinado em França, e, que tão fácil é de manter bastando apenas tratar da alimentação e limpeza dos bichos de seda, coisa

de que as próprias crianças se encarregam, quando ensinadas e disciplinadas, para isso, adquirindo o hábito do trabalho.

Para a mulher que não vive na cidade tem ainda a apicultura que essa nenhum trabalho exige. Apenas preparar corcos para as enxames, instalá-los e deixar trabalhar tranquilamente as abelhas na fabricação do delicioso mel.

A indústria das rendas, dos bordados, e tantas outras, que entre nós se sonham e que podem trazer à mulher o desejado auxílio sem o abandono da casa e dos filhos.

É natural e muito simpático da parte da mulher o desejo de auxiliar o marido, ganhando também para a comunidade, mas deve fazê-lo sem prejuízo dos sagrados deveres de dona de casa e de mãe.

Deçam muitas das mulheres que trabalham ao fundo da sua consciência examinem-na bem e digam se não há muitas vezes nesse auxílio um certo desejo de alijar deveres monótonos e um pretexto para arejar da atmosfera caseira, por vezes monótona e pesada.

A mulher livre sem encargos encontra muitas vezes no trabalho fora a sua razão de existir. A mulher casada e com filhos deve refletir antes de trabalhar, se não será muito mais útil à família governando cuidadosamente a sua casa fazendo os seus vestidos e dos seus filhos, eco-

cos, que pouco custam. E mesmo assim é muito discutível a vantagem da criação e educação dos filhos longe da mãe e da casa, porque muito contribui, para a desagregação da família.

PÁGINAS FEMININAS

nomizando dia a dia do que trabalhando fora e entregando a casa e os filhos a mãos estranhas.

Maria de Eça

A Moda

ENTRE OS vestidos nenhum chama mais a atenção do que o vestido de noiva. E agora nesta época do ano em que, tantos casamentos se fazem, as nossas leitoras, que estão noivas, esperam com ansiedade o figurino que as há-de ajudar a escolher o feito do seu vestido de noiva, aquele que elas desejam, as torne mais belas mais elegantes, mais sedutoras.

Damos hoje um elegantíssimo modelo de vestido de noiva. No seu corte duma simplicidade extrema, nota-se uma certa tendência para o castiço da Idade Média.

É feito em finíssimo veludo branco, o que é uma grande novidade em vestidos de noiva. Tem uma guarnição bordada a pérolas e fios de ouro que ligeiramente aparecem.

O véu é em tule lizo seguro por um diadema



em tule pregueado e bordado a pérolas e ouro como o vestido, que é suntuoso e tem umas mangas tão elegantes que lhe dão a maior majestade. As noivas que tem rendas antigas de família ou véus hereditários podem aplicá-los e usá-los fazendo-os sair da guarnição de tule.

A moda da primavera traz-nos uma grande escolha de tecidos em que predominam bolas e quadrados. Damos um lindo modelo num leve tecido de lã fundo azul escuro e bolas brancas. Muito simples tem no corte perfeito o segredo do seu aspecto. Cinto em camurça azul abotoado com grandes botões de galalite branca. A frente

é em «piquet» branco, guarnecido com um fôlho de cambraia branca muito plissado. Pode usar-se apertado junto ao pescoço, como na gravura, ou aberto formando bandas, para as senhoras que se incomodam com o calor ou preferem os vestidos decolados. É um vestido simples e prático e muito gracioso na sua linha geral.

A primavera e mesmo o verão não nos dispensam de usarmos sempre um casaco. Em viagem ou excursão, é mesmo indispensável, e, a mulher verdadeiramente chic e elegante não pode usar em viagem ou passeio de automóvel, um casaco de inverno ou mesmo um casaco de meia estação, que usa em visitas ou nos seus passeios na cidade.

Isso seria um atentado de lesa-elegância. Damos hoje um gracioso casaco de viagem ou desporto. Em quadrados, a fazenda tanto na moda, tem nas suas cores «beige» e castanho a maior harmonia. A forma da gola bastante nova, as alfiças, cosidas por fóra e colocadas ao vize formando bico, os botões em couro castanho dão-lhe o tom da maior originalidade. É usado com uma saia em diagonal castanho e um «jumper» em malha «beige». O chapéu é em feltro castanho e as luvas em pele de cavalo, castanhas.

Nos chapéus nota-se uma grande diferença há umas estações para cá, sobretudo nos chapéus de cerimónia que fizeram a sua reparação.

Não se vêem já hoje nos casamentos os chapéus simples que há três ou quatro anos se pavoneavam em toda a parte. Hoje em dia tudo tem o seu lugar. Damos um lindo modelo, para uma festa de tarde, um concerto ou um casamento. O seu feitio muito elegante lembra alguns chapéus que se usaram há trinta anos.

Em palha «Zagal» muito fina, preta, é guarnecido ao lado, no sítio onde a aba levanta por duas cabeças de pluma, côr de rosa. É muito bonito este chapéu, mas requer uma cabeça cuidadosamente penteada que faça brilhar a sua forma original. A moda renova-se e reaparece sempre.

Higiene e beleza

PARA evitar o cêcliro que nesta época tão ventosa, no nosso país, alige as pessoas de pele delicada, tornando-a áspera e avermelhada



damos a seguinte receita:

À noite depois de tirar a «maquillage» com óleo de amêndoas doces e de banhar a cara em água morna, passar com um algodão embebido na seguinte mistura:

Glicerina pura, leite e pingos de limão. Em seguida polvilhar bem a cara com pó de talco.

De manhã depois de lavar a cara e antes de pôr o «rouge» aplicar um bom creme e às senhoras que se não dão bem com cremes aconselhamos a seguinte pomada: 50 gramas de vaselina, 50 gramas de lanolina, 25 gramas de água de rosas e 5 gramas de mentol em pó. Depois de bem amassada aplicar na cara tirado um pouco de algodão e aplicar o pó de arroz e o «rouge» como de costume.

Receitas de cozinha

Filhoes do Algarve:

São sempre muito apetecíveis e apreciáveis as filhoes, tão tradicionais no nosso país. Tem sempre o seu lugar na mesa, quer como sobremesa, quer à hora do chá. Fazem-se com cincoenta gramas, sumo de uma laranja, casca de limão, trez ovos inteiros, uma colher de sopa de azeite, cincoenta gramas de manteiga, canela uma colher de café.

Amassa-se muito bem até a massa despegar das mãos, depois deixa-se esperar durante uma hora. Em seguida tendese a massa e corta-se com uma faca de vários tamanhos, em forma de corcôries, e fritam-se em azeite bem quente e deixam-se arrefecer.

Faz-se uma calda com duzentas e cincoenta gramas de açúcar quando a calda está em bom ponto tira-se do lume e deixa-se arrefecer deixando-se em seguida sobre as filhoes que ficam «glacées».

De mulher para mulher

Violeta: Na primavera é lindo ver uma rapariga com uma fresca «toilette», essas fazendas em xadrez largo azul e branco dão um efeito esplêndido. Faça o chapéu em palha branca enfeitado a azul, sapatos e carteira em pelica azul e luvas brancas ou em «suède» azul.

Gigi: Não se preocupe com isso. O pequenito é ainda muito novinho e mesmo a idade de começar a aprender é aos sete anos. Tudo o que não seja isso, são precocidades muito interes-



santes, mas que nada querem dizer. Se em tudo é natural como diz, não se deve alarmar. Os chapéus usam-se muito em palha.

A morte do guarda-chuva

O antipático guarda-chuva, que tão fácil é de esquecer em qualquer parte e que quando temos as mãos cheias de embrulhos, se torna tão incomodo e aborrecido, tem segundo parece os seus dias contados.

Um químico da Nova-Zelandia teve ocasião de fazer um invento, o qual se diz que tem o poder de tornar impermeavel qualquer tecido, seda, seda artificial, algodão, algodão mercerizado, lã, sem que os tecidos percam a sua flexibilidade e o seu aspecto. Tratados com a nova substancia química não absorvem a água. Se o que diz este químico é verdade, todos os tecidos passarão a ser tratados desta nova fórmula, evitando que encolham ou manchem com a água, e, nada mais fácil do que evitar o desagracioso guarda-chuva, de que agora tão mal falamos, mas tanto dependemos para nos livrar de chuvadas e constipações.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 25

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 17

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

LÊRIAS

N.º 19

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, Jobema; n.º 4, Olho de Lince; n.º 5, Reinadio

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos: Frá-Diávoló, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Só Lemos

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 10. — Alfa-Romeo, 19. — Silva Lima, 19. — Ti-Beadó, 17. — Lamas & Silva, 17. — Sonhador, 17. — So-Na-Fer, 14. — João Tavares Pereira, 14.

OUTROS DECIFRADORES

Salustiano, 10. — Rei-Luso, 10. — Dona Dina, 8. — Aldeão, 7. — Lisbon Syl, 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Teiro-roga-teiroga. 2 — Ama-matar-amatar. 3 — Carme. 4 — Parrana. 5 — Marfado. 6 — Grão-tinhoso. 7 — Queda. 8 — Atado. 9 — Rábula-rala. 10 — Prólico-proco. 11 — Modesto moto. 12 — Roleta-rota. 13 — Tantito-tanto. 14 — Calaça-caça. 15 — Porque. 16 — Mimica. 17 — Molette. 18 — Mal-encabelada. 19 — Retido. 20 — Um dedo mau duas mãos suja.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A «doença» que atacou o príncipe indiano foi em consequência dum aguaceiro acompanhado de vento. (2-2) 3.

Leiria

Magnate

2) A governante que teima em pernoitar fora de casa isso não lhe pode levar por bom caminho. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beadó

NOVÍSSIMAS

3) Embora não acreditem, eu trato muito bem a minha machadinha. 1-2.

Lisboa

Anibal Ortiz Martins

4) É brutal! Em «Paris» só existe a crueldade. 2-3.

Lisboa

Antolino (S. C. L.)

5) Não faças feitiço porque sofres uma decepção. 2-1.

Coimbra

Avlis Yur (C. C. C.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 34

6) Vi uma grande quantidade de «animais» em volta dum vadio. 2-1.

Coimbra

John Biffe (C. C. C.)

7) Foi a maliciosa que chamou ao filho bastardo grande preguiçoso. 1-2.

Lisboa

Miúdo & Graúdo

8) No gume da minha espada, senão estás embriagado, verás um corpo metálico simples. 2-2.

Lourenço Marquês

Silva Lima (T. E.)

9) O abraço de um «homem» nem sempre é malicioso. 1-2.

Luanda

Ti-Beadó

10) Trata de obter o «número» de parceiros que entram no jogo popular de rapazes. 2-1.

Lisboa

Vidalegre

SINCOPADAS

11) A margem direita do Tejo banha um pedaço da cidade de Lisboa. 3-2.

Lisboa

Augusta Vitória

12) «Mulher» que muito «fala» pouco acertada... 3-2.

Coimbra

Bêbê (C. C. C.)

13) O mar é hospedeiro de todos os peixes. 3 2.

Lisboa

Júlio César

14) Foi um homem valente outrora; hoje dedica-se à vadiagem. 3-2.

Lisboa

Márius (T. E.)

(Ao director)

15) Como merecedor que realmente é, procuro dirigir-lhe os meus mais sinceros cumprimentos. 3-2.

Lisboa

Micles de Tricles

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

16) De cinco letras, sendo duas consoantes e três vogais, E' feita esta embrulhada. Prima e quinta são iguais,

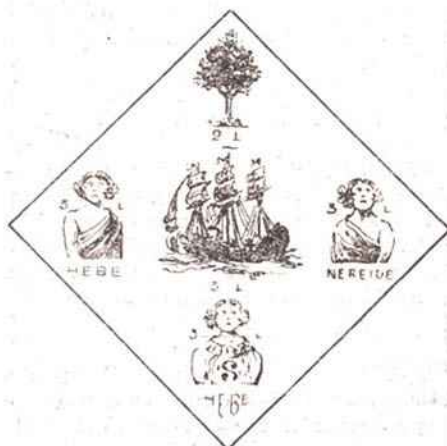
Bem como segunda e quarta. Tércia não tem par, coitada. Tanto faz ler de cá para lá. Como soletrar de lá p'ra cá. O todo é pequena asa. Que qualquer pode ter em casa.

Luanda

Ti-Beadó

TRABALHOS DESENHADOS

24) ENIGMA FIGURADO



LOGOGRIFO

17) Li há dias com fervor A «Ilustração». Que primor!... E quando vi a secção Da sublime arte edipista, Disse: Que honra o charadista Ser desta «corporação»! — 1, 4, 8, 10, 7, 9, 10.

Director, peço a mercê De que licença me dê P'ra, com expressões de frade, — 3, 5, 10, 7, 9, 8, 2.

Entrar aqui na malhada — 4, 7, 8, 2, 5, 5, 10. E meter nesta embrulhada O mais sisudo confrade.

Não posso, porém; enter — 2, 7, 3, 5, 6, 10, 5. O desejo de saber Se a illustre direcção De tão gentil passatempo Me dirá: — Não perde o tempo... Merece consideração.

Leiria

Magnate

MEFISTOFÉLICAS

18) O trabalho eleva a gente — Mas só o que dá dinheiro... — Na opinião assente Dum conhecido loureiro... (2-2) 3.

Lisboa

So-Na-Fer

19) A chuva quando cai Lá da eminência, Sobre uma pessoa De influência, Produz no alvejado Um bem estar prolongado. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beadó

NOVÍSSIMAS

Em sexta-feira de Paixão A...

20) Dia triste em que o Senhor Sofreu martírio nefando, E em que Maria, chorando, Viu morrer o Redentor.

Almas torturadas. Dor. Ambos no templo. Ela, orando, Vê contrito o miserando — 2 Que desprezou seu amor...

Trevas. Silêncio profundo! Com o olhar pôsto na «cruz» — 1 Pede ao Salvador do Mundo:

«Ao que assim me faz sofrer «Dai-lhe o remorso, Jesus. «E o castigo de viver!» — 2

Lisboa

Braz Cadunha

21) Faço mais esta charada Em louvor do edipismo. Para dar a minha entrada Na secção, se é (como eu cismo) Não ter a porta fechada.

Ao illustre director, Aos confrades da secção, Cumprimento, sem favor, P'la minha apresentação, E... sempre ao vosso dispor.

E agora cá o «frêguês». — 1 Depois do recado dado, Vai — com tóda a placidez — Em busca dum tão falado — 2 Diplomata japonês.

Leiria

Kábula

SINCOPADAS

22) Que é escasso o teu amor! Olha a grande novidade... Não me causa a menor dor Nem me traz fatalidade... — 3-2

Maíra

Deka

23) Quando a mulher é vadia E a desgraça a consome, Passa mal em cada dia E chega até a sentir fome. — 3 2

Colares

Maria Luiza

Tóda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A PEREGRINAÇÃO NACIONAL A VILA VIÇOSA



Nos últimos dias do mês passado realizou-se uma peregrinação a Vila Viçosa que constituiu uma imponente manifestação de fé católica e patriotismo. A iniciativa teve origem numa proclamação que o sr. arcebispo de Évora dirigiu aos seus diocesanos convidando-os a irem em romagem à histórica vila prestar o preito da sua devoção à padroeira de Portugal. O apêlo foi escutado, teve mesmo maior retumbância do que se poderia prever, e milhares de peregrinos acorreram a Vila Viçosa, numa grandiosa afirmação de fé. O sr. cardinal-patriarca de Lisboa deu à ideia o seu valioso apoio, indo pessoalmente àquela vila. Muitos outros dignatários da Igreja ali estiveram também, entre eles os srs. bispos do Pôrto, Guarda, Algarve, Coimbra, Ossirinco, Bragança, Portalegre, Vizeu e Beja.

Realizaram-se diversas cerimónias religiosas, entre as quais se destacaram a missa de Pontifical, celebrada pelo sr. cardinal-patriarca, a procissão solene e a procissão das velas. Apesar do mau tempo, todos estes actos revestiram uma grande imponência, tendo-se incorporado neles uma multidão de crentes composta de muitos milhares de pessoas.



A apoteótica recepção feita pelos portuenses aos vencedores do campeonato da I Liga

A população da capital nortenha prestou no passado dia 13 uma homenagem grandiosa e entusiástica à equipa representativa do Foot Ball Clube do Pôrto que jogou em Lisboa com o Sporting Clube de Portugal, empatando e ganhando assim o campeonato da I Liga.

A chegada dos jogadores à estação de S. Bento constituiu uma empolgante apoteose. Aguardavam ali o comboio, numerosos desportistas.

Os jogadores seguiram depois para a Associação de Futebol do Porto, acompanhados pela direcção do seu club. Na sessão de boas vindas que ali se realizou usaram da palavra diversos oradores. Em seguida realizou-se um «Porto de Honra» em que se trocaram entusiásticos brindes.

Entretanto cá fora o público comprimia-se nas ruas para aplaudir os seus campeões. A nossa gravura mostra um empolgante aspecto da multidão em frente da sede da Associação de Futebol do Pôrto.



Diplomatas

O adido naval junto da Legação dos Estados Unidos da América, em Portugal capitão tenente sr. John A. Gade, ofereceu num hotel da capital um jantar a várias pessoas das suas relações.

Presidiu o ilustre diplomata que tinha à sua direita as seguintes pessoas: Viscondessa de Asseca (D. Luiza), Finn Koren, ministro da Noruega, em Portugal; Mademoiselle Graeff e Alexandre R. Magruder, conselheiro da Legação dos Estados Unidos, em Portugal e actualmente encarregado dos negócios, e à esquerda a senhora de Mitjana, D. London, e mademoiselle Prague.

Em frente tomou lugar a esposa do conselheiro da Legação dos Estados Unidos da América e actualmente encarregado dos negócios sr. Magruder, que tinha à sua direita as seguintes pessoas: Sir Claud Russell, embaixador de Inglaterra em Portugal; senhora de Graeff, comandante Charles Ford Hammill, adido naval junto da Embaixada de Inglaterra, em Portugal e à esquerda Visconde de Asseca (António) Senhora de Hammill e Wassard.

— Na sua elegante residência, ofereceu o adido militar junto da embaixada de Espanha, em Portugal, sr. tenente-coronel D. António de Tapia e sua esposa, a sr.^a D. Emília de Tapia, um «chá» a várias pessoas das suas relações vendo-se na assistência as seguintes pessoas: ministro da guerra e esposa, general Domingos de Oliveira, esposa e filha, general Daniel de Sousa, esposa e sobrinha, general Vieira da Rocha e esposa, general Farinha Beirão, general Alexandre Malheiro e filha general Almeida Azev, brigadeiro Peixoto e Cunha e esposa, coronel Aníbal de Passos e Sousa, coronel Cifka Duarte, coronel Ferreira Lima, tenente-coronel Vasco de Carvalho, tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, comandante Alvaro Marta e esposa, comandante Soares de Oliveira e esposa, major Pinheiro Correia, major Carvalho Meneses e esposa, capitães Silva e Costa e esposa, Luís de Santana e esposa, tenente Eduardo Proença, tenente Carvalho, D. Nicolas de Goyri e esposa, e Lage.

Jantares

A Sociedade de Construções Navais, ofereceu no dia em que foi lançado ao mar, o contra-torpedeiro «Tejo», um banquete, que foi presidido, pelo distinto engenheiro sr. Maurice Tabar, que tinha à sua direita as seguintes pessoas: senhora de Carlos Saldanha, comandante Moura Braz, Viscondessa de Botelho, Guilherme Ferreira Pinto Basto, senhora de Sales Henriques, Maximo Vaultier, e Erci Yarrow, e à esquerda senhora de Moura Braz, Harold Yarrow, D. Tereza d'Orey Pinto Basto, engenheiro Hopkfer Romero, senhora de Maximo Vaultier, Alexandre Ferreira Pinto Basto, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, e Visconde de Botelho.

Em frente tomou lugar Lady Yarrow, que tinha à sua direita as seguintes pessoas: comandante Carvalho Crato, D. Berta Tabar, comandante Saldanha, D. Branca de Atougia Pinto Basto, comandante Fonseca, D. Izabel Roque de Pinto Basto, Engenheiro Caetano Dias, D. Maria da Conceição de Oliveira, e Vasco de Atougia Pinto Basto e à esquerda engenheiro Mascarenhas e Meneses, senhora Hopkfer Romero, tenente Sales Henriques, D. Stela Yarrow, Maurício de Oliveira e T. maz de Atougia Pinto Basto.

No final uzaram da palavra, os seguintes srs, engenheiro Maurice Tabar, comandante Saldanha, comandante Carvalho Crato, e Harold Yarrow.

Terminado o banquete dansou-se animadamente ao som da magnífica orquestra «jazz-band» sob a direcção do distinto artista Sousa Pinto.

— Em honra do ilustre clínico espanhol sr. D. Ramon de Castro, sua esposa, e do juiz em Vigo sr. dr. Emilio Bermudez, ofereceram os brilhantes clínicos srs professor Pereira, Bernardo Guedes e Alvarez, um jantar íntimo, ao qual também assistiram várias pessoas das famílias dos homenageados.

— A sr.^a D. Emília Neto Afonso de Pereira Coutinho, e o sr. Gonçalo de Abreu Pereira Coutinho, ofereceram um jantar a que foram convivas as seguintes pessoas dr. D. António de Lancaster, e D. Beatriz de Lancaster, Condessa

VIDA ELEGANTE

Castelo Mendo, Henrique Monteiro de Mendonça, D. Carolina Monteiro de Mendonça e filha, Conde e Condessa Mendo (António e D. Rita), e dr. João Monteiro de Mendonça.

Casamentos

Na igreja de S. Vicente de Fora realizou-se o casamento da sr.^a D. Elena da Conceição Pinheiro, filha da sr.^a D. Sebastiana do Rosario Pinheiro e do sr. Simplicio Augusto Pinheiro, com o sr. Augusto José da Silva, filho de D. Maria Isabel Pereira da Silva e do sr. Adolfo Avelino da Conceição Silva. Foram padrinhos por parte da noiva D. Maria da Luz Pôças e Manuel Botelho da Costa, e por parte do noivo Augusto de Viles Boas e Zulmira Nery.

Na «corbeille» da noiva viam-se valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.^a D. Francisca Benito Briz Garcia, gentil filha da sr.^a D. Francisca Briz Garcia e do sr. D. Mateu Benito Garcia, com o sr. Venceslau Alvarez Sarmento, filho da sr.^a D. Carmen Alvarez Serube Sarmento, e do sr. Artur Santos Sarmento.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a avó do noivo sr.^a D. Romana Sarmento e padrinhos o pai da noiva e o avó do noivo sr. Venceslau António Sarmento.

Presidiu ao acto o reverendo José António da Costa Pinto, amigo íntimo das famílias dos noivos, tendo no fim da missa o prior da freguesia reverendo António de Oliveira Reis, feito uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia foram executados no

Casamento da sr.^a D. Helena da Conceição Pinheiro com o sr. Augusto José da Silva, Os noivos após a cerimónia



coro, por um grupo de senhoras vários trechos de música sacra.

Serviram de caudatarias as sobrinhas da noiva meninas Maria Luiza e Maria del Pilar Benito Garcia Salazar de Sousa.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenina do Duque de Loulé um finíssimo lanche, da pasteleria «Aurea», seguindo os noivos depois de automóvel para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial de São Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Mary Stuart Salter de Sousa, interessante filha da sr.^a D. Mariana Mascarenhas Salter de Sousa e do sr. Eduardo Salter de Sousa, com o sr. Pedro António de Oliveira Leão, filho da sr.^a D. Maximiana de Oliveira Leão e do sr. Pedro Samuel de Roma Leão.

Serviram de madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Amélia Salter de Sousa Belmarço e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. João Alexandre da Fonseca e o pai do noivo.

Ao acto presidiu o reverendo Francisco da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pasteleria «Versailles» na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos depois para a província, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na capela de Santo António, em Venda do Pinheiro, perto de Sintra, o casamento da sr.^a D. Maria Emília Canas Mendes, gentil filha da sr.^a D. Emília Canas Mendes e do sr. Acácio Canas Mendes, professor do Instituto de Agronomia com o distinto advogado sr. Dr. Ricardo Mota, filho do sr. Henrique Coelho Mota.

Foram madrinha a sr.^a D. Júlia de Sousa e padrinhos os srs. Joaquim José de Sousa, Dr. Busdorff Silva e Vasco Infante da Camara.

Presidiu ao acto o reverendo Manuel Sabino Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pasteleria «A Garrett» seguindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paroquial das Mercês, realizou-se o casamento da sr.^a D. Amélia Roma Machado de Faria e Maia, interessante filha da sr.^a D. Maria Luiza de Roma Machado de Faria e Maia, e do sr. José de Roma Machado de Faria e Maia, com o sr. Júlio de Oliveira Simões, filho do sr. General José Maria de Oliveira Simões.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria José Roma Machado Salgado, D. Maria Leonor Diniz Roma Machado e D. Rita Oliveira Simões e de padrinhos o pai do noivo.

Ao acto presidiu o reverendo Augusto José Marques Soares, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pasteleria «Marques», seguindo os noivos depois para a Figueira da Foz, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Daise Maria Cohen de Bettencourt, esposa do sr. Diogo de Bettencourt. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Guilhermina Gama Lobo, esposa do maestro Gama Lobo, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se de perfeita saúde.

— Em Coimbra, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Semiramis de Tocantis Rodrigues, esposa do sr. Evaristo Pacheco Rodrigues. Mãe e filha encontram-se bem.

— Teve o seu bom sucesso, no Porto, a sr.^a D. Maria Helena Archer de Meneses, esposa do sr. Duarte de Meneses. Mãe e filho estão felizmente bem.

D. Nuno

Os homens no cinema

HÁ quem diga que o triunfo no cinema é mais fácil ao homem do que à mulher.

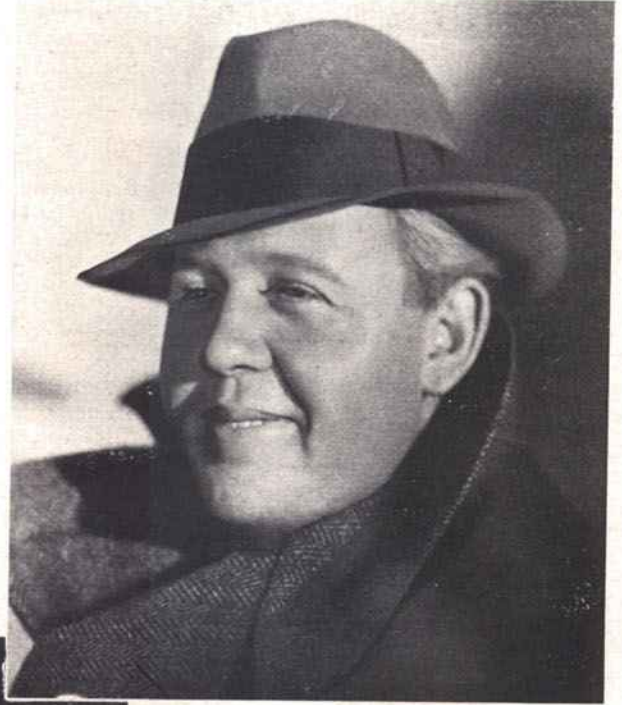
Na verdade, a mulher encontra mais portas abertas perante si quando pretende conquistar a fama que o cinema só dispensa a raros. Tem o recurso de entrar para o número dos figurantes e esperar que a sorte ou um dirigente do estúdio reparem nela.

Só se lhe exige uma coisa: que seja formosa. Mas pobre dela se o não for, porque nesse caso tudo lhe estará vedado.

E' secundário que possua grandes faculdades artísticas. Os produtores norte-americanos estão firmemente convencidos de que um bom realizador pode fazer representar bem a rapariga mais desprovida de jeito, desde que seja bonita. A grande inovação do cinema de Hollywood consistiu justamente em despersonalizar a artista, fazer dela um autómato que executa os movimentos que o realizador lhe dita. A própria maneira como a filmagem duma obra é feita, sem seqüência lógica e segundo as conveniências técnicas, contribue poderosamente para que assim seja, isto é, para que o intérprete só tenha uma ideia incompleta daquilo que exterioriza. O cérebro do realizador lá está para encontrar o fio de continuidade e para determinar a maneira como o sentimento se deve manifestar.

Ora isto que se aplica inteiramente à mulher só parcialmente diz respeito ao homem. De facto, se na mulher a beleza é primordial, no homem tem pelo contrário um valor muito secundário.

Raramente os grandes artistas são homens belos. Podemos enumerar uma série deles acerca dos quais ninguém se atreveria a estabelecer controvérsia sobre este ponto. Clark Gable, por exemplo, o galã da moda que a América



O grande actor Charles Laughton



Sir Guy Standing, notável artista de composição

acolheu com transportes de entusiasmo está muito longe de ser bonito. Charles Farrell, William Powell, Clive Brook e muitos outros estão no mesmo caso. Pode mesmo dizer-se que o tipo de "homem bonito" não existe no cinema. Quando muito uma certa correção de feições, como no caso de Rodolfo Valentino. Mas nem essa mesmo se apresenta como indispensável, dado que falta à maioria

O popular e simpático William Powell

dos actores conhecidos. Assim, não precisa o homem de ter sido especialmente dotado pela Natureza para vir a ocupar um lugar de relêvo no cinema. E esta ideia deve dar alento a grande número de aspirantes a essa sedutora miragem.

Seria, porém, imprudente concluir daqui que a carreira artística se encontra aberta a todos os indivíduos do sexo masculino sem distinção e que a escolha e a atribuição dos postos de destaque se fazem por simples capricho do destino.

Se na realidade para o homem o factor beleza ocupa lugar secundário, dado que todos os tipos físicos têm lugar na tela desde o cínico ao galã, exige-se-lhe porém uma qualidade, sem a qual o êxito é impossível. E vem a ser a personalidade.

Como se poderia explicar o sucesso de alguns artistas cujo aspecto exterior em nada se distingue do de tantas pessoas que conhecemos na vida real, se não reconhecemos a existência duma qualidade que os impõe e evidencia?

Clark Gable, com o seu físico robusto e o seu talento de comediante vulgar, nunca poderia ser o galã celebrizado se não possuísse uma personalidade forte e sugestiva que irradia em torno dele e o impõe à admiração da turba.

Charles Laughton se a beleza fôsse necessária ao êxito artístico nunca teria atingido as culminâncias a que chegou.

Não sucede o mesmo com a mulher. É preciso que tenha um talento excepcional para poder superar uma deficiência de dotes físicos e só raramente isso acontece.



PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — D., 10, 2.
Copas — — — — —
Ouros — D., 9, 4.
Paus — 2.

Espadas — — — — — **N** Espadas — R., 9, 8, 5.
Copas — 9. **O E** Copas — 2.
Ouros — 8, 7, 6, 5. **S** Ouros — A., 10.
Paus — 6, 4. **S** Paus — — — — —

Espadas — A.
Copas — 10, 3.
Ouros — R., V, 3.
Paus — 3.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de paus, baldando-se N à Dama de ouros.

S joga o 7 de espadas para O fazer o Valeta de espadas e, quer O jogue copas ou ouros, S faz as restantes vasas, desde que se balde ao Az de espadas e ao Rei de espadas no 10 de copas e Az de ouros de N.

Xadrez

(Solução)

1 T — 4 R 2 B — 2 B +
R × T M.
..... P — 4 C +
P × T M.
..... D — 5 R +
D — 3 C M.

Anedotas

Um médico, examinando um sujeito, por parte de uma Companhia de Seguros de Vida.

— É seu pai, morreu de morte natural?
— Não, senhor; foi tratado por três médicos.

Boêmio inveterado: — Acredita, meu velho, que tinha gostado imenso de ir ao teu casamento; mas foi-me impossível.

Boêmio emendado: — Não te preocupes com isso... Fica para a outra vez! ..

As oito letras

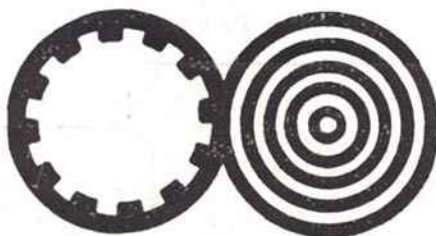
(Solução)

A paciência pôde executar-se em 23 movimentos, menor número possível.

Movam as letras pela seguinte ordem:

A B F E C A B F E C A B D H G
A B D H G D E F

Ilusão óptica



Dando à página um movimento rotativo, parece que a roda dentada da esquerda se move, vagarosamente, numa direcção, enquanto os círculos da direita giram rapidamente em direcção contrária.

A Califórnia tem cerca de 4 000 produtores de mel, dos quais uns 3 000 produzem comercialmente. A maioria destes, mantêm de 150 a 1 000 colmeias; mas há um produtor que possui 20 000, outro 12 000 e vários, 5 000. Os grandes produtores teem os seus armazens devidamente apetrechados e têm ao seu serviço, pessoal instruído para a extração do mel e a sua embalagem, assim como para tomar conta da reprodução das abelhas feita por métodos modernos e científicos.

Graça alheia



A que está noiva (triumfante): — Vão ficar uma quantidade de raparigas desapontadas quando o Ricardo casar.
A outra (com doçura): — Porquê, filha? Com quantas vai ele casar?

(Windsor Magazine.)

Palavras cruzadas

(Problema)

1	2	3	4	5	6	7	8
	9		10			11	
12	13		14		15	16	17
18			19		20		
	21		22	23	24		
25	26		27		28	29	30
		31		32			
33	34	35	36			37	38
	39	40	41		42		
43	44		45		46		47
48			49	50			
	51		52		53		
54				55			

Horizontais:

1 — Pequena serpente venenosa semelhante à vibora. 5 — Ligadura para feridas. 9 — Artigo. 10 — Peixe. 11 — Espécie de pão (inv.). 12 — Sinais com que os antigos copistas marcavam as palavras ou passagens erradas para emendarem em nova cópia. 15 — Consólo. 18 — Peixes largos e chatos. 20 — Refinar o açúcar. 21 — Letra grega. 22 — Número. 24 — Espécie de pão (inv.). 25 — Para barlavento. 27 — Cidade da Europa. 29 — Costela inferior do boi. 31 — Estabelecimento de bebidas. 32 — Gratificar. 33 — Apelido. 35 — Género de fungos parasitas. 37 — Rema para traz. 39 — Instrumento (inv.). 41 — Camareira. — 42 A parte mais larga e carnuda da perna das rezes. 43 — Associações. 46 — Purificar. 48 — O tesouro público. 50 — Coelho pequeno. 51 — Tecido. 52 — Mamífero 53 — Artigo (antigo). 54 — Desastre. 55 — Enfeitado.

Verticais:

1 — Manilha. 2 — Oídio. 3 — Religião dos maometanos. 4 — Aqui está. — Cidade asiática. 6 — Glória. 7 — Pássaro. 8 — Certo jôgo de cartas. 13 — Duas letras de ABA. 14 — Artigo. 16 — Ali. 17 — Caminhava. 19 — Troçar. 22 — Nome de mulher. 23 — Outra mulher. 26 — Peixe de Portugal. 27 — Alimento. 28 — Puro. 30 — Mamífero. 33 — Serve para escoar água. 34 — Pastora. 36 — Possessão portuguesa. 37 — Peixe escômbrido. 38 — Pequena corrente. 40 — Impedir o movimento. 42 — Substância feita de trapos. 44 — Dirigir-se. 45 — Nota musical. 46 — Além. 47 — Ataque de paralisia. 49 — Vaso de barro usado nos banquetes romanos para a mistura dos vinhos. 50 — Atilho.

Transferência dos peões

(Solução)

Joguem desta maneira: 2-3, 9-4, 10-7, 3-8, 4-2, 7-5, 8-6, 5-10, 6-9, 2-5, 1-6, 6-4, 5-3, 10-8, 4-7, 3-2, 8-1, 7-10. Os peões brancos trocaram os seus lugares com os vermelhos, em dezoito movimentos, sem quebra das condições do enunciado.

Anedotas

— Já sabe o que nos acaba de acontecer? diz o patrão banqueiro, a um seu empregado antigo.

— Que foi?

— O nosso guarda-livros desapareceu, levando oitenta contos!

— Safa!

— E levou-lhe, também, o seu chapéu de chuva.

— Que ladrão! que maroto! que canalha!...

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

*Um livro patriótico que desperta
nas crianças o gosto pela História.*

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.^a EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras
no texto e capa a cores . . . **10\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de
Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-
bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12\$00** enc. . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras re-
presentando cenas com os personagens
que figuram no filme extraído da notavel
obra do grande escritor e com uma carta
prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 332 págs., no formato de 26×18,5 esplen-
didamente impresso em bom papel, com uma lindis-
sima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por <i>Manuel de Macedo</i> e <i>Roque Gameiro</i> , 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs., cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Berrilli</i> , ilustrado por <i>Bonamore</i> . Delicioso romance no género dos de <i>Júlio Verne</i> . 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs., cada um, com 24 grav. broc. ..	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guíomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de <i>Rhadameh</i> ; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> . 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> , 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs., cada e 134 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guíomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos « <i>Bartek, o vitorioso</i> » e « <i>Lillian Morris</i> », trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs., cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos á S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações
francesas, inglesas, alemãs: semanais,
quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,
mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O paraíso bolchevista e... a mentira UMA VIAGEM À RUSSIA

Os operários soviéticos — O trabalho da mulher na Rússia — As ruas e o seu movimento — O aspecto exterior das casas na cidade — O custo da vida — Habitações económicas — O vestuário — A propaganda soviética — Creches — Maternidade — A educação colectiva.

1 volume de 250 páginas, brochado... **Eso. 10\$00**
Pelo correio à cobrança **11\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força — A arte alemã — A Alemanha aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A invasão da Inglaterra — Jelicoo — A arte e a guerra — A espionagem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do «front» — No «front» — Na «trincha», etc.

1 vol de 220 pág. broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

- Afonso Lopes Vieira**, um volume.
- Alexandre Herculano**, um volume.
- Antero de Figueiredo**, um volume.
- Augusto Gil**, 1 volume.
- Camões lírico**, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
- Eça de Queirós**, dois volumes.
- Fernão Lopes**, três volumes.
- Frei Luís de Sousa**, um volume.
- Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume.
- João de Barros**, um volume.
- Lucena**, dois volumes.
- Manuel Bernardes**, dois volumes.
- Paladinos da linguagem**, três volumes.
- Trancoso**, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,**
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. **MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	8\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	2\$00
	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	2\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	6\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

O APTOFONE...

A última palavra da técnica telefónica

COMODIDADE

E

CONFORTO



Apenas por 100 ESCUDOS

Peça esclarecimentos à THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.º L.ª

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA

Rua da Picaria, 5 — PORTO